

Samael Aun Weor

TRATADO DE
**Psicologia
Revolucionária**



Editora Mória

Do original em Espanhol
“Tratado de Psicologia Revolucionaria”
Samael Aun Weor



Editora Mória

Caixa Postal 2081 – CEP 79.008-970
Campo Grande – MS
email: moria@moria.org.br

Campo Grande - MS
DEZ/2005

Introdução

Por V. M. Gargha Kuichines

O presente *Tratado de Psicologia Revolucionária* é uma nova Mensagem de Natal que o Mestre outorga aos irmãos para o Natal de 1975. É um código completo que nos ensina a eliminar os defeitos.

Até agora, os estudantes conformam-se em reprimir os defeitos, semelhante ao chefe militar que se impõe ante seus subordinados. Pessoalmente, temos sido técnicos em reprimir defeitos, porém chegou o momento em que nos vemos obrigados a dar-lhes a morte, a eliminá-los, utilizando as técnicas do Mestre Samael, que de forma nítida, precisa e exata, dá-nos as chaves.

Quando os defeitos morrem, a Alma expressa-se com imaculada beleza, mudando toda a nossa vida. Muitos perguntam como fazemos quando vários defeitos afloram ao mesmo tempo, e dizemos que eliminem uns e que esperem para eliminar os outros; a estes, podem reprimir, para mais tarde eliminar.

O **Primeiro Capítulo** ensina-nos como mudar a página de nossa vida, romper com a Ira, a Cobiça, a Inveja, a Luxúria, o Orgulho, a Preguiça, a Gula, o Desejo, etc. É indispensável dominar a mente terrena e fazer girar o vórtice frontal, para que este absorva o eterno conhecimento da mente universal. Este capítulo ensina-nos a examinar e mudar o Nível moral de Ser, isto é possível quando eliminamos nossos defeitos.

Toda mudança interior traz como consequência uma mudança exterior.

O Nível de Ser, o qual o Mestre trata nesta obra, refere-se à condição em que nos encontramos.

O **Segundo Capítulo**, explica que o Nível de Ser é a escada onde nos encontramos situados na Escala da Vida; quando subimos essa escada, então progredimos; porém, quando permanecemos estagnados, esse estado nos produz aborrecimento, fastio, tristeza e desgosto.

O **Terceiro Capítulo** refere-se à Rebeldia Psicológica e ensina que o ponto psicológico de partida está dentro de nós, que a mudança vertical ou perpendicular é o campo dos rebeldes, dos que buscam mudanças imediatas, de maneira que o trabalho sobre si mesmo é a

característica principal do caminho vertical. Os humanóides caminham pelo caminho horizontal, na Escala da Vida.

O **Quarto Capítulo** fala-nos como se produzem as mudanças, que a beleza de uma criança obedece ao fato de não haver desenvolvido seus defeitos. Observamos que, conforme isso vai desenvolvendo-se, a criança vai perdendo a sua beleza nata.

Quando desintegramos os defeitos, a Alma manifesta-se esplendorosamente, isto é percebido facilmente pelas pessoas, além do que, a beleza da Alma embeleza o corpo físico.

O **Quinto Capítulo**, ensina-nos a manejar o nosso ginásio psicológico e explica o método para aniquilar a “feiura secreta” que levamos dentro (os defeitos); também ensina-nos a trabalhar sobre nós mesmos, para lograr uma transformação radical.

Mudar é necessário, porém as pessoas não sabem como mudar, sofrem muito e contentam-se pondo a culpa nos demais, não sabem que eles são os únicos responsáveis pelo manejo de suas vidas.

O **Sexto Capítulo** fala-nos sobre a vida, que é o resultado de um problema que ninguém entende. Os estados são interiores e os eventos são exteriores.

O **Sétimo Capítulo** comenta sobre os estados interiores, ensina a diferença existente entre os estados de consciência e os acontecimentos exteriores da vida diária. Quando modificamos os estados equivocados de consciência, damos origem a mudanças fundamentais dentro de nós.

O **Nono Capítulo**, refere-se aos acontecimentos pessoais e ensina-nos a corrigir os estados psicológicos e interiores equivocados, além da necessidade de organizar a nossa desordenada casa interior. A vida interior traz circunstâncias exteriores e, se estas são dolorosas, devem-se aos estados interiores negativos. O exterior é reflexo do interior, a mudança interior dá origem imediata a uma nova ordem em nossas vidas.

Os estados interiores equivocados convertem-nos em vítimas indefesas da perversidade humana. Não devemos nos identificar com nenhum acontecimento, recordando que tudo passa, observando a vida como um filme, e no drama, devemos ser observadores.

Um dos meus filhos tem um teatro, onde se exibem filmes modernos. Este luta quando trabalham artistas que receberam o Oscar. Um dia desses, meu filho convidou-me para ver um filme, onde

trabalhavam três artistas premiados com o Oscar. Respondi ao convite dizendo que não poderia assistir, porque estava interessado em um drama humano melhor do que o de seu filme, onde todos os artistas tinham Oscar. Ele perguntou-me: *“Mas neste drama todos nós trabalhamos”*, manifestei: *“Eu trabalho como observador deste drama”*. *“Por que?”*. Respondi-lhe: *“Porque não me confundo com o drama; faço o que devo fazer, porém, não me emociono, nem me entristeço com os acontecimentos desse drama”*.

O **Décimo Capítulo** comenta sobre os diferentes eus e que na vida interior das pessoas não existe trabalho harmonioso, devido a soma de eus em sua psique. Por isso, há tantas mudanças na vida diária de cada um dos atores do drama: ciúmes, risadas, prantos, raiva, susto, etc; essas características demonstram as diversas mudanças a que os eus nos expõem, e que são manifestadas através da nossa personalidade.

O **Décimo Primeiro Capítulo** refere-se ao nosso querido ego e diz-nos que os eus são valores psíquicos, sejam positivos ou negativos. Ensina a prática da auto-observação interior, para identificarmos os diversos eus que estão presentes em nossa personalidade.

O **Décimo Segundo Capítulo** fala-nos da Mudança Radical, ensina que não é possível mudar algo em nossa psique, sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro.

Quando aprendemos que não somos um, mas que existem muitos dentro de nós, trilhamos o caminho do auto-conhecimento. Conhecimento e compreensão são diferentes, o primeiro é da mente e o segundo do coração.

O **Décimo Terceiro Capítulo**, Observador e Observado, fala-nos sobre o atleta da auto-observação interna, pessoa que trabalha seriamente sobre si mesmo e esforça-se para afastar os elementos indesejáveis que carrega dentro de si. Para o auto-conhecimento devemos dividir-nos em observador e observado; sem essa divisão jamais poderíamos chegar ao auto-conhecimento.

O **Décimo Quarto Capítulo** comenta sobre os pensamentos negativos e que todos os eus possuem inteligência e aproveitam-se de nosso centro intelectual para lançar conceitos, idéias, análises, etc. Isso indica que não possuímos mente individual!

O **Décimo Quinto Capítulo** fala-nos sobre a individualidade, em percebermos que não temos consciência, individualidade e vontade próprias. Mediante a auto-observação íntima, podemos ver as pessoas que vivem em nossa psique (os eus) e que devemos eliminá-los para lograr a Transformação Radical, tendo em vista que a individualidade é sagrada. Vemos o caso das professoras das escolas, que vivem corrigindo as crianças por toda a vida, e assim chegam à decrepitude, porque também se confundiram com o drama da vida.

Os demais capítulos, do 16º ao 32º, são interessantíssimos para todas as pessoas que querem uma mudança em suas vidas, para os que aspirem algo melhor em suas vidas, para as águias altaneiras, para os revolucionários da consciência e de Espírito indomável, para aqueles que renunciam à espinha de borracha, que dobram sua cerviz diante do bastão de qualquer tirano.

No **Décimo Sexto Capítulo**, o Mestre fala-nos sobre o Livro da Vida. É conveniente observar diariamente a repetição de palavras, a recorrência das coisas de um mesmo dia; tudo nos conduz ao auto-conhecimento.

O **Décimo Sétimo Capítulo** fala-nos sobre as criaturas mecânicas, que quando alguém não se auto-observa, não pode perceber a incessante repetição diária e, quem não deseja observar a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação radical. Nossa personalidade é só uma marionete, um boneco falante, algo mecânico, somos repetidores de acontecimentos, nossos hábitos são os mesmos, nunca queremos modificar-nos.

O **Décimo Oitavo Capítulo** trata do pão supersubstancial. Os hábitos mantêm-nos petrificados. Somos pessoas mecânicas, carregadas de velhos hábitos, devemos provocar mudanças internas; a auto-observação é indispensável.

No **Décimo Nono Capítulo**, o Mestre fala-nos do Bom Dono de casa; temos que nos afastar do drama da vida, temos que **defender o escape da psique**, esse trabalho vai contra a vida, trata-se de algo muito distinto da vida diária.

Enquanto a pessoa não mudar interiormente, será sempre uma vítima das circunstâncias. O Bom Dono de Casa é aquele que nada contra a correnteza, são escassos os que não querem deixar-se devorar pela vida.

O **Vigésimo Capítulo** fala-nos sobre os dois mundos e diz-nos que o verdadeiro conhecimento pode originar em nós uma mudança interior fundamental, a qual tem por embasamento a auto-observação direta de si mesmo. A auto-observação interior é um meio para mudar intimamente. Mediante a auto-observação de nós mesmos, aprendemos a caminhar no caminho interior.

No **Vigésimo Primeiro Capítulo**, fala-nos sobre a observação de si mesmo, mostrando que a observação de si mesmo é um método prático para lograr uma transformação radical. Conhecer nunca é observar, não podemos confundir o conhecer com o observar.

A observação de si é 100% ativa, é um meio de troca de si mesmo, enquanto que o conhecer, que é passivo, não o é. A atenção dinâmica provém do lado observante, enquanto os pensamentos e as emoções pertencem ao lado observado. O conhecer é algo completamente mecânico, passivo; diferente da observação de si, que é um ato consciente.

O **Vigésimo Segundo Capítulo** trata da charla, e que o hábito de “falar sozinho” é prejudicial, porque são nossos eus enfrentando-se uns aos outros. Quando te perceber falando só, observa-te e descobrirás a tolice que estás cometendo.

O **Vigésimo Terceiro Capítulo** fala-nos do mundo das relações, fala-nos que existem três estados de relações indispensáveis: a relação com nosso próprio corpo, com o mundo exterior e a relação do homem consigo mesmo; este último, não têm importância para a maioria das pessoas, pois interessam-se mais pelos dois primeiros tipos de relacionamentos. Devemos estudar para saber com qual destes três tipos estamos em falta.

A falta de Iluminação Interior faz com que não estejamos relacionados conosco mesmos, permanecendo em trevas. Quando te encontrares abatido, desorientado, confundido, lembra-te de “ti mesmo”, isto fará com que as células de teu corpo recebam um alento diferente.

O **Vigésimo Quarto Capítulo** trata da canção psicológica, sobre as murmurações, a auto-defesa, o sentir-se perseguido, etc., o hábito de culpar as pessoas por tudo o que nos ocorre e, em contrapartida, os triunfos tomamos como nossa obra. Desta maneira, jamais poderemos melhorar-nos. O homem, engarrafado nos conceitos que gera, pode tornar-se útil ou inútil, esta não é a tônica para observá-los

e melhorar-nos. Aprender a perdoar é indispensável para o nosso aperfeiçoamento interior. A lei da misericórdia é mais elevada que a lei do homem violento: *“Olho por olho, dente por dente”!* A Gnosis está destinada àqueles aspirantes sinceros, que verdadeiramente querem trabalhar e mudar.

A triste lembrança das coisas vividas nos ligam ao passado, não nos permitindo viver o presente, o qual nos desfigura. Para passar a um nível superior, é indispensável deixar de ser o que se é; sobre cada um de nós há níveis superiores ao que temos que escalar.

No **Vigésimo Quinto Capítulo**, fala-nos sobre o Retorno e a Recorrência e diz-nos que a Gnosis é transformação, renovação, melhoramento incessante; quem não quer melhorar-se, transformar-se, perde seu tempo porque além de não progredir, acaba no caminho do retrocesso. Portanto, incapacita-se para conhecer-se; com justa razão, o Venerável Mestre assevera que somos marionetes, repetindo as cenas da vida. Quando refletimos sobre esses fatos, nos damos conta que somos artistas que trabalhamos graciosamente no drama da vida diária.

Quando temos o poder de vigiar-nos para observar o que faz e executa nosso corpo físico, colocamo-nos no caminho da auto-observação consciente e observamos que uma coisa é a consciência, a que conhece, e outra coisa é a que executa e obedece, ou seja, nosso próprio corpo. A comédia da vida é dura e cruel com aquele que não sabe acender os fogos internos; consome-se dentro de seu próprio labirinto, em meio às mais profundas trevas; nossos eus vivem prazerosamente nas trevas.

O **Vigésimo Sexto Capítulo** refere-se à auto-consciência infantil, diz que quando a criança nasce a essência se reincorpora, isto dá beleza à criança, e conforme vai desenvolvendo a personalidade, vai reincorporando os eus que vieram de vidas passadas e a criança vai perdendo a beleza natural.

No **Vigésimo Sétimo Capítulo**, trata do Publicano e do Fariseu; diz que cada qual descansa sobre algo que tem, dali o afã de todos por ter algo: títulos, bens, dinheiro, fama, posição social, etc. O homem e a mulher, cheios de orgulho, são os que mais **necessitam do necessitado** para viver. O homem descansa unicamente sobre bases externas, também é um inválido, porque o dia em que perder essas bases, converter-se-á no homem mais infeliz do mundo.

Quando nos sentimos maiores que os demais, estamos engordando nossos eus e, recusamos com isto, chegar a ser bem-aventurados. Para o trabalho esotérico, nossos próprios louvores são obstáculos que se opõe à todo progresso espiritual; quando nos auto-observamos, podemos descobrir as bases sobre as quais descansamos. Devemos colocar muita atenção nas coisas que nos ofendem ou laceram; assim, descobrimos as bases psicológicas sobre as quais nos encontramos.

Neste Sendeiro do aperfeiçoamento, aquele que crê ser superior ao outro, estanca-se ou retrocede. No Processo Iniciático de minha vida operou-se uma grande mudança quando afligido por milhares de asperezas, desenganos e infortúnios, fiz em meu lar o “Curso de Pária”. Abandonei a pose de “eu sou o que serve para tudo neste lar”, para senti-me um triste esmoleiro, enfermo e sem nada na vida. Tudo mudou em minha vida, porque eu tinha café da manhã, almoço e comida, roupa limpa e o direito de dormir no mesmo leito de minha patroa (a esposa sacerdotisa); porém isso durou apenas alguns dias, porque aquele lar não suportou aquela atitude ou tática guerreira. Há que aprender a transformar o mal em bem, as trevas em luz, o ódio em amor, etc.

O real ser não discute, nem entende as injúrias dos eus que nos disparam os adversários ou amigos. Os que sentem esses látigos são os eus atados a nossa Alma. Eles se enfrascam e reagem coléricos e iracundos. Interessa-lhes irem contra o Cristo Interno, contra nossa própria semente.

Quando os estudantes pedem-nos remédio para curar as poluições, os aconselhamos a abandonar a ira. Os que o têm feito isso obtêm benefícios.

No **Vigésimo Oitavo Capítulo**, o Mestre fala-nos sobre a vontade, que devemos trabalhar na Obra do Pai, porém os estudantes crêem que é só trabalhar com o Arcano A.Z.F., o trabalho sobre nós mesmos. O trabalho abrange os três fatores que libertam nossa consciência. Devemos conquistar-nos interiormente, libertar o Prometeu que temos encadeado dentro de nós. A vontade criadora é nossa obra, em qualquer circunstância em que nos encontremos.

A emancipação da vontade advém com a eliminação de nossos defeitos e a natureza nos obedece.

No **Vigésimo Nono Capítulo**, fala-nos da decapitação; que os momentos mais tranquilos de nossas vidas são os menos favoráveis para o autoconhecimento; que isto só se consegue na vida, nas relações sociais, nos negócios, nos jogos, enfim, na vida diária é quando mais afloram os nossos eus. O sentido da auto-observação interna, encontra-se atrofiado em todo ser humano. Este sentido desenvolve-se de forma progressiva, com a auto-observação que executamos, de momento em momento e com o uso contínuo.

Tudo o que está fora do lugar é mal, e o mal deixa de ser mal, quando está em seu lugar, quando deve ser.

Com o poder da Deusa Mãe em nós, a Mãe RAM-IO, só podemos destruir os eus dos diferentes níveis da mente, a fórmula será encontrada pelos leitores nas obras do Venerável Mestre Samael.

Stella Maris é a assinatura astral, a potência sexual, ela tem o poder de desintegrar as aberrações que em nosso interior psicológico carregamos, “Tonazim” decapita qualquer eu psicológico.

No **Trigésimo Capítulo**, explica o que é o centro de gravidade permanente, que cada pessoa é uma máquina a serviço dos inumeráveis eus que a possuem e, por conseguinte, a pessoa humana não possui um centro de gravidade permanente, o que existe é só instabilidade. Para lograr a Auto-realização Íntima do Ser; requer-se continuidade de propósitos e isto logra-se extirpando os egos ou eus que levamos dentro.

Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos. O processo da Iniciação põe-nos no Real Caminho da Superação, conduz-nos ao estado Angélico Edênico.

O **Trigésimo Primeiro Capítulo** comenta o trabalho Esotérico Gnóstico e diz-nos que se requer examinar o eu observado ou que o reconheçamos. O requisito indispensável para poder destruí-lo é a observação, por isso, é permitido que entre um raio de luz em nosso interior.

A destruição dos eus que analisamos deve ir acompanhada de serviços pelos demais, lhes dando instruções para que eles se liberem do Satã e dos eus que obstaculizam sua própria redenção.

No **Trigésimo Segundo Capítulo**, fala-nos sobre a oração no trabalho; que a observação, o juízo e a execução são os três fatores básicos para a dissolução do eu. Primeiro, observa-se, segundo julga-se, terceiro executa-se; assim faz-se com os espíões em época de

guerra. O sentido da auto-observação interna, conforme vai se desenvolvendo, nos permitirá ver o avanço progressivo de nosso trabalho.

Há 25 anos, no Natal de 1951, o Mestre dizia-nos, aqui na cidade de Ciénaga, e mais tarde explicou na '*Mensagem de Natal de 1962*', o seguinte: "*Estou de parte de vós até que hajais formado o Cristo em vossos corações*".

Sobre seus ombros pesa a responsabilidade do povo de Aquário e a Doutrina do Amor se expande através do conhecimento Gnóstico. Se queres seguir a Doutrina do Amor, debes deixar de odiar, em suas mais íntimas manifestações, isso nos prepara para que surja o Menino de Ouro da Alquimia, o filho da castidade, o Cristo Interno que vive e palpita no fundo de nossa energia criadora. Assim, logramos a morte das legiões de eus satânicos que mantemos dentro e nos preparamos para a Ressurreição, para uma mudança total. Esta santa Doutrina não é entendida pela humanidade desta Era, porém devemos lutar por eles, no culto de todas as religiões, para que anelem uma vida superior, dirigida por seres superiores. Este Corpo de Doutrina levamos à Doutrina do Cristo Interno. Quando a levamos a prática, mudaremos o porvir da humanidade.

Paz Inverencial.

Capítulo 1

O NÍVEL DE SER

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Para que vivemos? Por que vivemos?

Inquestionavelmente, o pobre “Animal Intelectual” equivocadamente chamado homem, não só não sabe, como nem sequer sabe que não sabe.

O pior de tudo é a situação tão difícil e tão estranha em que nos encontramos. Ignoramos o segredo de todas as nossas tragédias e, contudo, estamos convencidos de que sabemos tudo.

Leve um “Mamífero Racional”, uma pessoa dessas que na vida presume-se influente, ao meio do deserto do Saara; deixe-o longe de qualquer oásis e observe, de uma nave aérea, tudo o que acontece.

Os fatos falarão por si só; o “Humanóide Intelectual”, embora presumindo-se forte e acreditando ser muito homem, no fundo é espantosamente débil.

O “Animal Racional” é tolo em cem por cento, pensa de si o melhor, acredita que pode desenvolver-se maravilhosamente mediante o jardim de infância, manuais de boas maneiras, escola primária, bacharelado, universidade, o bom prestígio do papai, etc...

Infelizmente, depois de tantas letras e boas maneiras, títulos e dinheiro, bem sabemos que qualquer dor de estômago nos entristece e, que no fundo, continuamos sendo infelizes e miseráveis.

Basta ler a História Universal para saber que somos os mesmos bárbaros de antigamente e que, em vez de melhorarmos, nos tornamos piores.

Este século XX, com toda a sua espetacularidade, guerras, prostituição, sodomia mundial, degeneração sexual, drogas, álcool, crueldade exorbitante, perversidade extrema, monstruosidade, etc., é o espelho em que devemos nos olhar; não existe, pois, razão para nos gabarmos de termos chegado a uma etapa superior de desenvolvimento.

Pensar que o tempo significa progresso é absurdo. Desgraçadamente, os “ignorantes ilustrados” continuam engarrafados no “Dogma da Evolução”.

Em todas as páginas da “Negra História” encontramos sempre as mesmas horrorosas crueldades, ambições, guerras, etc.

Entretanto, nossos contemporâneos, “Super-civilizados”, estão convencidos de que isso da Guerra é algo secundário, um acidente passageiro que nada tem a ver com a sua tão cacarejada “civilização moderna”.

Certamente, o que importa é o modo de ser de cada pessoa! Alguns sujeitos serão bêbados; outros, abstêmios; aqueles, honrados e estes outros sem-vergonhas; há de tudo na vida.

A massa é a soma dos indivíduos; o que é o indivíduo é a massa, é o Governo, etc.

A massa é, pois, a extensão do indivíduo; não é possível a transformação das massas, dos povos, se o indivíduo, se cada pessoa, não se transforma.

Ninguém pode negar que existem diferentes níveis sociais! Há gente de igreja e de prostíbulo, do comércio e do campo, etc.

Assim também existem diferentes *Níveis de Ser*. O que internamente somos, esplêndidos ou mesquinhos, generosos ou miseráveis, violentos ou agradáveis, castos ou luxuriosos, atrai as diversas circunstâncias da vida.

Um luxurioso atrairá sempre cenas, dramas e até tragédias de lascívia, nas quais se verá envolvido.

Um bêbado atrairá os bêbados e ver-se-á sempre envolvido em bares e cantinas, isso é óbvio.

O que atrairá o agiota? O egoísta? Quantos problemas? Prisões? Desgraças?

Entretanto a gente amargurada, cansada de sofrer, tem vontade de mudar, virar a página de sua história.

Pobre gente! Querem mudar e não sabem como; não conhecem o procedimento, estão em um beco sem saída.

O que lhes aconteceu ontem, lhes acontece hoje e lhes acontecerá amanhã; repetem sempre os mesmos erros e não aprendem as lições da vida, nem às duras penas.

Todas as coisas repetem-se em sua própria vida; dizem as mesmas coisas, fazem as mesmas coisas, lamentam as mesmas coisas.

Essa repetição aborrecida dos dramas, comédias e tragédias, continuará enquanto carreguemos em nosso interior, os elementos indesejáveis da Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula, etc.

Qual é nosso nível moral? Melhor se disséssemos: qual é o nosso *Nível de Ser*?

Enquanto o *Nível de Ser* não mudar radicalmente, continuará a repetição de todas as nossas misérias, cenas, desgraças e infortúnios.

Todas as coisas, todas as circunstâncias que acontecem fora de nós, no cenário deste mundo, são exclusivamente o reflexo do que interiormente levamos.

Com justa razão podemos afirmar, solenemente, que “o exterior é o reflexo do interior”. Quando a pessoa muda internamente e tal mudança é radical, o exterior, as circunstâncias, a vida, também mudam.

Estive observando, por estes dias, um grupo de pessoas que invadiu um terreno alheio, aqui no México. Estas pessoas recebem o curioso qualificativo de paraquedistas.

São vizinhas da colônia campestre Churubusco, estão próximas a minha casa, por este motivo pude estudá-las bem de perto.

Ser pobre jamais pode ser delito, o grave não está nisso, mas sim em seu *Nível de Ser*.

Diariamente, brigam entre si, embebedam-se, insultam-se mutuamente, convertem-se em assassinos de seus próprios companheiros de infortúnio, vivem certamente em imundas choças, dentro das quais, em vez de amor reina o ódio.

Muitas vezes pensei que se qualquer sujeito desses eliminasse de seu interior o ódio, a ira, a luxúria, a embriaguez, a maledicência, a crueldade, o egoísmo, a calúnia, a inveja, o amor-próprio, o orgulho, etc., amaria as outras pessoas, se associaria por simples Lei de Afinidades Psicológicas com pessoas mais refinadas, mais espiritualizadas. Essas novas relações seriam definitivas para uma mudança econômica e social.

Seria esse o sistema que permitiria a tal sujeito abandonar a “sarjeta”, o “esgoto imundo”.

Assim, se realmente quisermos uma mudança radical, devemos primeiro compreender que cada um de nós (seja branco ou negro, amarelo ou acobreado, ignorante ou ilustrado, etc.), está em tal ou qual *Nível de Ser*.

Qual é nosso *Nível de Ser*? Haveis vós refletido alguma vez sobre isso? Não seria possível passar a outro nível se ignorarmos o estado em que nos encontramos.

Capítulo 2

A ESCADA MARAVILHOSA

Temos que desejar uma mudança verdadeira, sair desta rotina aborrecida, desta vida meramente mecanicista e cansativa.

Devemos primeiro compreender com inteira clareza que cada um de nós, seja burguês ou proletário, acomodado ou da classe média, rico ou miserável, encontramos-nos em tal ou qual *Nível de Ser*.

O *Nível de Ser* do bêbado é diferente ao do abstinente e o da prostituta, muito distinto ao da donzela. Isto que estamos dizendo é irrefutável, irrefutável.

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, nada perdemos imaginando uma escada que se estende de baixo para cima, verticalmente e com muitos degraus.

Inquestionavelmente, nos encontramos em algum desses degraus; nos degraus debaixo haverá pessoas piores que nós, nos degraus acima se encontrarão pessoas melhores que nós.

Nesta vertical extraordinária, nesta *Escada Maravilhosa* é claro que podemos encontrar todos os *Níveis de Ser*, cada pessoa é diferente e isto ninguém pode refutar.

Indubitavelmente, não estamos agora falando de caras feias ou bonitas, nem tampouco se trata de questão de idade. Há pessoas jovens e velhas, anciões que já estão para morrer e meninos recém-nascidos.

A questão do tempo e dos anos, isso de nascer, crescer, desenvolver-se, casar-se, reproduzir-se, envelhecer-se e morrer, é exclusivo da Horizontal.

Na *Escada Maravilhosa*, na Vertical, não cabe o conceito de tempo. Nos degraus de tal escala só podemos encontrar *Níveis de Ser*.

A esperança mecânica das pessoas não serve para nada, acreditam que com o tempo as coisas serão melhores; assim pensavam nossos avós e bisavós e os fatos demonstraram o contrário.

O *Nível de Ser* é o que conta e isto é vertical; encontramos-nos em um degrau, porém podemos subir a outro degrau.

A *Escada Maravilhosa* que estamos falando e que se refere aos diferentes *Níveis de Ser*, certamente nada tem a ver com o tempo linear.

Um *Nível de Ser* mais alto está imediatamente por cima de nós de instante em instante. Não está num remoto futuro horizontal, mas sim aqui e agora, dentro de nós mesmos, na Vertical.

É visível e qualquer um pode compreender, que as duas linhas - Horizontal e Vertical - encontram-se de momento em momento em nosso interior psicológico e formam Cruz.

A personalidade desenvolve-se e processa-se na linha horizontal da vida. Nasce e morre dentro de seu tempo linear, é perecível, não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; não é o *Ser*.

Os *Níveis de Ser*, o Real Ser, não é do tempo, nada tem a ver com a linha horizontal; encontra-se dentro de nós mesmos, agora, na Vertical...

Seria absurdo procurar a nosso Real Ser fora de nós mesmos.

Não seria demais assentar como corolário o seguinte: títulos, graus, ascensões, etc., no mundo físico exterior. De modo algum originariam exaltação autêntica, reavaliação do Ser, passagem à um degrau superior nos *Níveis de Ser*.

Capítulo 3

REBELDIA PSICOLÓGICA

Não seria demais recordar aos nossos leitores, que existe um ponto matemático dentro de nós mesmos. Inquestionavelmente, tal ponto jamais se encontra no passado, nem tampouco no futuro.

Quem quiser descobrir esse ponto misterioso deve buscá-lo aqui e agora, dentro de si mesmo, exatamente neste instante, nem um segundo para frente, nem um segundo para trás. Os dois madeiros, Vertical e Horizontal da Santa Cruz, encontram-se nesse ponto.

Encontramo-nos pois, de instante em instante, diante de dois caminhos: o Horizontal e o Vertical.

É visível que o Horizontal é muito concorrido, por ele andam “Vicente e toda a gente”, “Dom Raimundo e todo mundo”...

É evidente que o vertical é diferente; é o caminho dos rebeldes inteligentes, dos revolucionários.

Quando alguém recorda de si mesmo, quando trabalha sobre si mesmo, quando não se identifica com todos os problemas e penas da vida, de fato vai pelo caminho vertical.

Certamente, não é uma tarefa fácil eliminar as emoções negativas, perder toda identificação com nosso próprio trem de vida, problemas de toda índole, negócios, dívidas, pagamento de letras, telefone, água, luz, etc...

Os desocupados, aqueles que por algum motivo perderam o emprego, o trabalho, evidentemente sofrem por falta de dinheiro. Esquecer seu caso, não se preocupar nem se identificar com seu próprio problema, é de fato espantosamente difícil.

Quem sofre, quem chora, aqueles que foram vítimas de alguma traição, de um mau pagamento na vida, de uma ingratidão, de uma calúnia ou de alguma fraude, realmente se esquecem de si mesmos, de seu Real Ser Íntimo, identificam-se completamente com sua tragédia moral.

O Trabalho sobre si mesmo é a característica fundamental do caminho vertical. Ninguém poderia pisar o Caminho da Grande Rebelião, se jamais trabalhasse sobre si mesmo. O Trabalho ao qual estamos nos referindo é de tipo psicológico; trata-se de certa transformação do momento presente que nos encontramos. Necessitamos aprender a viver de instante em instante.

Por exemplo, uma pessoa que se desespera por algum problema sentimental, econômico ou político, obviamente esqueceu-se de si mesma... Se tal pessoa se detivesse um instante, se observasse a situação e tratasse de recordar de si mesma, se depois esforçar-se em compreender o sentido de sua atitude...

Se refletir um pouco, se pensar em tudo o que ocorre, que a vida é ilusória, fugaz e que a morte reduz a cinzas todas as vaidades do mundo. Se compreender que seu problema no fundo não é mais que uma "labareda de esteira", um fogo fátuo que logo se apaga, verá, de repente, com surpresa, que tudo mudou.

Transformar reações mecânicas é possível mediante a confrontação lógica e a *Auto-Reflexão Íntima do Ser*.

É evidente que as pessoas reagem mecanicamente ante as diversas circunstâncias da vida.

Pobre gente! Sempre convertem-se em vítimas. Quando alguém lhes adula, sorriem; quando lhes humilham, sofrem; insultam se lhes insulta; ferem se lhes fere, nunca são livres. Seus semelhantes têm poder para levar-lhes da alegria à tristeza, da esperança ao desespero.

Cada pessoa, dessas que vai pelo caminho horizontal, parece-se com um instrumento musical, onde cada um de seus semelhantes toca o que sente vontade.

Quem aprende a transformar as relações mecânicas, de fato se coloca pelo "caminho vertical".

Isto representa uma mudança fundamental no *Nível de Ser*, resultado extraordinário da "*Rebeldia Psicológica*".

Capítulo 4 A ESSÊNCIA

O que faz belo e adorável a todo recém-nascido é sua Essência. Constitui-se, em si, sua verdadeira realidade. O crescimento normal da Essência em toda criatura, certamente é muito residual, incipiente.

O corpo humano cresce e se desenvolve de acordo com as leis biológicas da espécie; contudo, tais possibilidades resultam por si só muito limitadas para a Essência.

Inquestionavelmente, a Essência só pode crescer por si mesma sem ajuda, em pequeníssimo grau.

Falando, francamente, e sem rodeios, diremos que o crescimento espontâneo e natural da Essência só é possível durante os primeiros três, quatro e cinco anos de idade, ou seja, na primeira etapa da vida.

As pessoas pensam que o crescimento e desenvolvimento da Essência se realiza sempre, de forma contínua, de acordo com a mecânica da evolução, mais o Gnosticismo Universal ensina claramente que isto não ocorre assim.

Com o objetivo de que a Essência cresça mais, algo muito especial deve acontecer, algo novo terá que se realizar.

Quero me referir, de forma enfática, ao trabalho sobre si mesmo. O desenvolvimento da Essência unicamente é possível a base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

É necessário compreender que esses trabalhos não se referem a questões de profissão, bancos, carpintaria, alvenaria, acerto de linhas férreas ou assuntos de escritório.

Este trabalho é para toda pessoa que desenvolveu a personalidade; trata-se de algo Psicológico.

Todos nós sabemos que temos dentro de nós mesmos isso que se chama Ego, Eu, Mim Mesmo, Si Mesmo.

Desgraçadamente, a Essência encontra-se engarrafada, enfrascada, entre o Ego, e isso é lamentável.

Dissolver o Eu Psicológico, desintegrar seus elementos indesejáveis, é urgente, inadiável, impostergável. Este é o sentido do trabalho sobre si mesmo.

Nunca poderíamos libertar a Essência sem desintegrar previamente o Eu Psicológico.

Na Essência está a Religião, o Buddha, a Sabedoria, as partículas de dor de nosso Pai que está nos Céus e todos os dados que necessitamos para a Auto-realização Íntima do Ser.

Ninguém poderia aniquilar o Eu Psicológico sem eliminar previamente os elementos desumanos que levamos dentro.

Precisamos reduzir à cinzas a crueldade monstruosa destes tempos, a inveja que, desgraçadamente, veio converter-se na mola secreta da ação; a cobiça insuportável que tornou a vida tão amarga; a asquerosa maledicência; a calúnia, que tantas tragédias trouxe; as bebedeiras, a imunda luxúria que cheira tão mal, etc...

À medida que todas essas abominações vão reduzindo-se à poeira cósmica, a Essência além de emancipar-se, crescerá e se desenvolverá harmoniosamente.

Inquestionavelmente, quando o Eu Psicológico morre, resplandece em nós a Essência.

A Essência livre confere-nos a beleza íntima, e de tal beleza emanam, a felicidade perfeita e o verdadeiro Amor.

A Essência possui múltiplos sentidos de perfeição e extraordinários poderes naturais.

Quando “Morremos em nós mesmo”, quando dissolvemos o Eu Psicológico, gozamos dos preciosos sentidos e poderes da Essência.

Capítulo 5

ACUSAR-SE A SI MESMO

A Essência que cada um de nós leva em seu interior vem de cima, do Céu, das estrelas.

Inquestionavelmente, a Essência maravilhosa provém da nota “LA” (A Via Láctea, a Galáxia em que vivemos).

A Preciosa Essência passa através da nota “SOL” (O Sol) e logo depois da nota “FA” (A Zona Planetária), entra neste mundo e penetra em nosso próprio interior.

Nossos pais criaram o corpo apropriado para a recepção desta Essência, que vem das Estrelas.

Trabalhando intensamente sobre nós mesmos e sacrificando-nos por nossos semelhantes, retornaremos vitoriosos ao seio profundo de Urânia.

Nós estamos vivendo neste mundo por algum motivo, para algo, por algum fator especial.

Obviamente, em nós há muito que devemos ver, estudar e compreender, se é que em realidade desejamos saber algo sobre nós mesmos, sobre nossa própria vida.

Trágica é a existência daquele que morre sem ter conhecido o motivo de sua vida.

Cada um de nós deve descobrir, por si só, o sentido de sua própria vida, aquilo que o mantém preso no cárcere da dor.

Ostensivamente, há em cada um de nós algo que nos amargura a vida e contra o qual precisamos lutar firmemente.

Não é indispensável que continuemos em desgraça, é inadiável reduzir à poeira cósmica isso que nos faz tão débeis e infelizes.

De nada serve nos envaidecer com títulos, honras, diplomas, dinheiro, tolos raciocínios subjetivos, costumeiras virtudes, etc.

Não devemos esquecer jamais que a hipocrisia e as tolas vaidades da falsa personalidade, fazem de nós pessoas inertes, rancorosas, retardatárias, reacionárias, incapazes de ver o novo.

A morte tem muitos significados tanto positivos como negativos. Consideremos aquela magnífica observação do Grande Kabir Jesus, o Cristo: *“Que os mortos sepulquem seus mortos”*.

Muitas pessoas embora vivam, estão de fato mortas para todo possível trabalho sobre si mesmas e, em consequência, para qualquer transformação íntima.

São pessoas engarrafadas em seus dogmas e crenças, gente petrificada nas lembranças do passado, indivíduos cheios de preconceitos ancestrais, pessoas escravas do que dirão, espantosamente mornas, indiferentes, às vezes “sabichonas”, convencidas de estar com a verdade porque assim lhes disseram, etc.

Não querem entender que este mundo é um “Ginásio Psicológico” mediante o qual seria possível aniquilar essa feiura oculta que todos levamos dentro.

Se essa pobre gente compreendesse o estado lamentável em que se encontra, tremeria de horror.

Porém, tais pessoas pensam de si mesmas o melhor; gabam-se de suas virtudes, sentem-se perfeitas, bondosas, servis, nobres, caridosas, inteligentes, cumpridoras de seus deveres, etc.

A vida prática, como escola, é formidável; mas, tomá-la como um fim em si mesma, é manifestamente absurdo.

Aqueles que tomam a vida em si mesma, tal como se vive diariamente, não compreenderam a necessidade de trabalhar sobre si mesmo para obter uma “Transformação Radical”.

Desgraçadamente, as pessoas vivem mecanicamente, nunca ouviram dizer algo sobre o trabalho interior.

Mudar é necessário, mas as pessoas não sabem como mudar, sofrem muito e nem sequer sabem porque sofrem.

Ter dinheiro não é tudo. A vida de muitas pessoas ricas costuma ser verdadeiramente trágica.

Capítulo 6

A VIDA

No terreno da vida prática, sempre descobrimos contrastes que assombam. Gente endinheirada, com magnífica residência e muitas amizades, às vezes sofrem espantosamente.

Humildes proletários, de picareta e pá, ou pessoas da classe média, costumam viver, às vezes, em completa felicidade.

Muitos arquimilionários sofrem de impotência sexual e ricas senhoras choram amargamente a infidelidade do marido.

Os ricos da terra parecem abutres dentro de jaulas de ouro. Nos dias de hoje não podem viver sem “guarda-costas”.

Os homens de estado arrastam correntes, nunca estão livres, andam todo o tempo rodeados de gente armada até os dentes.

Estudemos esta situação mais atentamente. Precisamos saber o que é a vida, cada um é livre para opinar como quiser.

Digam o que digam, certamente ninguém sabe nada, a vida resulta num problema que ninguém entende.

Quando as pessoas desejam contar-nos gratuitamente a história de sua vida, citam acontecimentos, nomes e sobrenomes, datas, etc., e sentem satisfação ao fazer seus relatos.

Essa pobre gente ignora que seus relatos estão incompletos, porque eventos, nomes e datas, são tão somente o aspecto externo do filme, falta o aspecto interno.

É urgente conhecer os “estados de consciência”; a cada evento corresponde tal ou qual estado anímico.

Os estados são interiores e os eventos, exteriores. Os acontecimentos externos não são tudo.

Entende-se por estados interiores as boas ou más disposições, as preocupações, a depressão, a superstição, o temor, a suspeita, a misericórdia, a auto-consideração, a superestima de si mesmo; os estados de sentir-se feliz, estados de gozo, etc.

Inquestionavelmente, os estados interiores podem corresponder-se exatamente com os acontecimentos exteriores, ou serem originados por estes, ou não ter relação alguma com os mesmos.

Em todo caso, estados e eventos são diferentes. Nem sempre os eventos correspondem exatamente com os estados afins.

O estado interior de um evento agradável poderia não se corresponder com ele mesmo.

O estado interior de um evento desagradável poderia não se corresponder com ele mesmo.

Acontecimentos aguardados durante muito tempo, quando surgiram sentimentos que faltava algo.

Certamente faltava o correspondente estado interior que devia combinar-se com o acontecimento exterior.

Muitas vezes o acontecimento que não se esperava vem a ser os que melhores momentos nos proporcionou...

Capítulo 7

O ESTADO INTERIOR

Combinar estados interiores com acontecimentos exteriores de forma correta é saber viver inteligentemente.

Qualquer evento inteligentemente vivenciado exige seu correspondente estado específico.

Porém, infelizmente, quando as pessoas revisam suas vidas, pensam que esta, em si mesma, está constituída exclusivamente por eventos exteriores.

Pobre gente! Pensam que se tal ou qual acontecimento não tivesse acontecido, as suas vidas teriam sido melhores.

Supõem que a sorte lhes fugiu e que perderam a oportunidade de serem felizes.

Lamentam o perdido, choram o que desprezaram, gemem recordando os velhos tropeços e calamidades.

Não querem perceber que vegetar não é viver e que a capacidade para existir conscientemente depende, exclusivamente, da qualidade dos estados interiores da Alma.

Não importa quão formosos sejam os acontecimentos externos da vida, se não nos encontrarmos em tais momentos, num estado interior apropriado, os melhores eventos podem parecer monótonos, cansativos ou simplesmente aborrecedores.

Alguém aguarda, com ansiedade, a festa do casamento. É um acontecimento, mas poderia acontecer de estar tão preocupado no momento preciso do evento, que realmente não viu nisso nenhum deleite e que tudo aquilo se tornou tão árido e frio como um protocolo.

A experiência ensinou-nos que nem todas as pessoas que assistem a um banquete ou a um baile, alegam-se de verdade.

Nunca falta um aborrecido no melhor dos festejos e as peças mais deliciosas alegam a uns e fazem chorar a outros.

Poucas são as pessoas que sabem combinar conscientemente o evento externo com o estado interno apropriado.

É lamentável que as pessoas não saibam viver conscientemente: choram quando devem rir e riem quando devem chorar.

Controle é diferente: O sábio pode estar alegre, mas jamais cheio de louco frenesi; triste, mas nunca desesperado e abatido; sereno em meio a violência; abstinência na orgia; casto entre a luxúria, etc.

As pessoas melancólicas e pessimistas pensam da vida o pior e francamente não desejam viver.

Todos os dias se vê gente que não só são infelizes, e que além disso - e o que é pior -, fazem também amarga a vida dos outros.

Gente assim não mudaria, nem vivendo diariamente de festa em festa. A enfermidade psicológica a leva em seu interior. Tais pessoas possuem estados íntimos definitivamente perversos.

Contudo, esses sujeitos se auto-qualificam como justos, santos, virtuosos, nobres, servis, mártires, etc.

São pessoas que se auto-consideram muito, pessoas que querem muito a si mesmas.

Indivíduos que têm muita piedade de si próprios e que sempre procuram escapatórias para evitar suas próprias responsabilidades.

Pessoas assim, estão acostumadas às emoções inferiores e é visível que, por tal motivo, criam diariamente elementos psíquicos infra-humanos.

Os eventos infelizes, os reveses de fortuna, miséria, dívidas, problemas, etc., são exclusividade daquelas pessoas que não sabem viver.

Qualquer um pode formar uma rica cultura intelectual, mas são poucas as pessoas que aprenderam a viver retamente.

Quando a pessoa quer separar os eventos exteriores dos estados interiores da consciência, demonstra concretamente sua incapacidade para existir dignamente.

Quem aprende a combinar conscientemente eventos exteriores e estados interiores, marcha pelo caminho do êxito.

Capítulo 8

ESTADOS EQUIVOCADOS

Inquestionavelmente, na rigorosa observação do Mim Mesmo, torna-se impostergável e inadiável, fazer uma completa diferenciação lógica, em relação aos acontecimentos exteriores da vida prática e os estados íntimos da consciência.

Necessitamos, com urgência, saber onde estamos situados em um dado momento, tanto em relação ao estado íntimo da consciência, como na natureza específica do acontecimento exterior que está acontecendo conosco.

A vida, em si mesma, é uma série de acontecimentos, que se processam através do tempo e do espaço.

Alguém disse: *“A vida é uma cadeia de martírios, que o homem leva enredada na Alma...”*.

Cada um é livre para pensar como quiser; creio que aos efêmeros prazeres de um instante fugaz, sucedem-se sempre o desencanto e a amargura.

Cada acontecimento tem seu sabor característico especial e os estados interiores são também de diferentes tipos; isto é incontrovertível, irrefutável.

Certamente, o trabalho interior sobre si mesmo refere-se, de forma enfática, aos diversos estados psicológicos da consciência.

Ninguém poderia negar que em nosso interior carregamos muitos erros e que existem estados equivocados.

Se realmente queremos mudar, necessitamos, com a máxima e inadiável urgência, modificar radicalmente esses estados equivocados da consciência.

A mudança absoluta dos estados equivocados, dá origem a transformações completas no terreno da vida prática.

Quando alguém trabalha seriamente sobre os estados equivocados, obviamente, os acontecimentos desagradáveis da vida, já não lhes podem ferir tão facilmente.

Estamos falando de algo que só é possível compreender vivenciando-o, sentindo-o realmente, no terreno dos fatos.

Quem não trabalha sobre si mesmo é sempre vítima das circunstâncias, é como um mísero lenho entre as águas tormentosas do oceano.

Os acontecimentos mudam incessantemente em suas múltiplas combinações, vêm, um após o outro, em ondas, são influências.

Certamente, existem bons e maus acontecimentos, alguns eventos serão melhores ou piores que outros.

Modificar certos eventos é possível; alterar resultados e modificar situações, etc., está certamente dentro do número das possibilidades.

Porém, existem situações que não podem ser alteradas. Nesses casos, devemos aceitá-las conscientemente, embora algumas tornam-se perigosas e até dolorosas.

Inquestionavelmente, a dor desaparece, quando não nos identificamos com o problema que se apresentou.

Devemos considerar a vida como uma série sucessiva de estados interiores. Uma história autêntica de nossa vida em particular está formada por todos esses estados.

Ao revisar a totalidade de nossa própria existência, podemos verificar por nós mesmos, de forma direta, que muitas situações desagradáveis foram possíveis, graças a estados interiores equivocados.

Alexandre Magno, embora sempre fosse temperado por natureza, se entregou, por orgulho, aos excessos que lhe produziram a morte.

Francisco I morreu por causa de um sujo e abominável adultério, o qual é muito bem lembrado pela história.

Quando Marat foi assassinado por uma perversa freira, morria de soberba e de inveja, e ainda julgava-se completamente justo...

As damas do Parque de Servas inquestionavelmente acabaram, por completo, com a vitalidade do espantoso fornicário chamado Luiz XV.

Muitos são os que morrem por ambição, os psicólogos sabem muito bem disso...

Enquanto nossa vontade se confirmar, de forma irrevogável e em uma tendência absurda, nos converteremos em candidatos ao panteão ou cemitério.

Otelo transformou-se num assassino devido aos ciúmes. As prisões estão cheias de equivocados sinceros...

Capítulo 9

ACONTECIMENTOS PESSOAIS

Torna-se inadiável a plena Auto-observação íntima do Mim Mesmo, quando se trata de descobrir estados psicológicos equivocados.

Inquestionavelmente, os estados interiores equivocados podem ser corrigidos, mediante procedimentos corretos.

Visto que a vida interior é o ímã que atrai os eventos exteriores, necessitamos, com urgência máxima e inadiável, eliminar de nossa psique os estados psicológicos errôneos.

Corrigir estados psicológicos equivocados é indispensável quando se quer alterar, fundamentalmente, a natureza de certos eventos indesejáveis.

Alterar nossa relação com determinados eventos é possível, se eliminarmos de nosso interior, certos estados psicológicos absurdos.

Situações exteriores destrutivas poderiam converter-se em inofensivas e até construtivas, mediante a inteligente correção dos estados interiores errôneos.

A pessoa pode mudar a natureza dos eventos desagradáveis que ocorrem, quando se purifica intimamente.

Quem jamais corrige os estados psicológicos absurdos, acreditando-se muito forte, converte-se em vítima das circunstâncias.

Pôr ordem em nossa desordenada casa interior é vital, quando se deseja mudar o curso de uma infeliz existência.

As pessoas queixam-se de tudo, sofrem, choram, protestam, gostariam de mudar de vida, sair do infortúnio em que se encontram, mas, infelizmente, não trabalham sobre si mesmas.

Não querem perceber que a vida interior atrai circunstâncias exteriores, e que se estas forem dolorosas deve-se aos estados interiores absurdos.

O exterior é tão somente o reflexo do interior. Quem muda interiormente, dá origem a uma nova ordem de coisas.

Os eventos exteriores jamais seriam tão importantes, quanto o modo de reagir diante dos mesmos.

Permaneceste sereno diante do insultador? Recebeste com agrado as manifestações desagradáveis de teus semelhantes?

De que maneira reagiste ante a infidelidade do ser amado? Te deixaste levar pelo veneno do ciúme? Mataste? Estás preso?

Os hospitais, os cemitérios ou panteões, as prisões, estão cheias de sinceros equivocados, que reagiram de forma absurda diante dos eventos exteriores.

A melhor arma que um homem pode usar na vida, é um estado psicológico correto.

A pessoa pode desarmar feras e desmascarar traidores, mediante estados interiores apropriados.

Os estados interiores equivocados convertem-nos em vítimas indefesas da perversidade humana.

Aprendais a enfrentá-los, diante dos acontecimentos mais desagradáveis da vida prática, com uma atitude interior apropriada.

Não vos identifiqueis com nenhum acontecimento; recordais que tudo passa; aprendais a ver a vida como um filme e recebereis os benefícios.

Não esqueçais que acontecimentos sem nenhum valor poderiam levar-vos à desgraça, se não eliminardes de vossa psique os estados interiores equivocados.

Cada evento exterior necessita, inquestionavelmente, do registro apropriado; ou seja, do estado psicológico correto.

Capítulo 10

OS DIFERENTES EUS

O mamífero racional, equivocadamente chamado homem, realmente não possui uma individualidade definida.

Inquestionavelmente, essa falta de unidade psicológica no humanóide, é a causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, a não ser que esteja doente.

Porém, a vida interior do humanoide, de modo algum é uma unidade psicológica. O mais grave de tudo isto, a despeito do que digam as diversas escolas de tipo pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, é a ausência de organização psicológica no íntimo de cada pessoa.

Certamente, em tais condições, não existe trabalho harmônico como um todo, na vida interior das pessoas.

O Humanóide, em relação a seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, uma soma de “Eus”.

Os ignorantes ilustrados desta época tenebrosa, rendem culto ao “Eu”, endeusam-no, põem-no nos altares, chamam-no “Alter Ego”, “Eu Superior”, “Eu Divino”, etc.

Os “Sabichões” desta idade negra em que vivemos, não querem perceber, que “Eu Superior” ou “Eu Inferior” são duas seções do mesmo Ego pluralizado.

O humanóide certamente não tem um “Eu Permanente”, mas uma multidão de diferentes “Eus” Infra-humanos e absurdos.

O pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem onde, em vez de um amo, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que bem entendem.

O maior erro do pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato é supor que os outros possuem ou que têm um “Eu Permanente e Imutável”, sem princípio e sem fim.

Se esses que assim pensam despertassem a consciência, ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar, claramente, por si mesmos, que o humanóide racional nunca é o mesmo por muito tempo.

O mamífero intelectual, do ponto de vista psicológico, está mudando continuamente.

Pensar que uma pessoa que se chama Luís é sempre Luís, torna-se algo assim como uma brincadeira de muito mal gosto.

Esse sujeito que se chama Luís tem em si mesmo outros “Eus”, outros egos, que se expressam através de sua personalidade em diferentes momentos, e embora Luís não goste da cobiça, outro “Eu” nele – chamemos-lhe Pepe - gosta da cobiça e assim sucessivamente.

Nenhuma pessoa é a mesma de forma contínua, realmente não se necessita ser muito sábio para perceber, cabalmente, as inumeráveis mudanças e contradições de cada sujeito.

Supor que alguém possui um “Eu Permanente e Imutável” equivale, certamente, a um abuso para com o próximo e para consigo mesmo.

Dentro de cada um vive muitas pessoas, muitos “Eus”, isto qualquer pessoa consciente pode verificar por si mesmo e de forma direta.

Capítulo 11

O QUERIDO EGO

Sendo o superior e o inferior duas seções de uma mesma coisa, não é demais citar o seguinte corolário: “Eu Superior, Eu Inferior” são dois aspectos do mesmo Ego tenebroso e pluralizado.

O denominado “Eu Divino” ou “Eu Superior”, “Alter Ego” ou algo parecido, é certamente um ardil do “Mim Mesmo”, uma forma de auto-engano.

Quando o Eu quer continuar aqui e não mais lá, se auto-engana com o falso conceito de um Eu Divino Imortal.

Nenhum de nós tem um “Eu” verdadeiro, permanente, imutável, eterno, inefável, etc.

Nenhum de nós tem, na verdade, verdadeira e autêntica Unidade do Ser. Infelizmente, nem sequer possuímos uma legítima individualidade.

O Ego, embora continue além do sepulcro, tem um princípio e um fim.

O Ego, o Eu, nunca é algo individual, unitário, unitotal. Obviamente o Eu são “Eus”.

No Tibete Oriental, os “Eus” eram denominados “Agregados Psíquicos”, ou simplesmente, “Valores”, sejam estes últimos positivos ou negativos.

Se pensarmos em cada “Eu” como uma pessoa diferente, podemos assegurar, de forma enfática, o seguinte: *“Dentro de cada pessoa que vive no mundo existem muitas pessoas”*.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas diferentes, algumas melhores, outras piores.

Cada um desses Eus, cada uma dessas pessoas, luta pela supremacia, para ser exclusiva, controla o cérebro intelectual ou os centros emocional e motor cada vez que pode, enquanto outro o desagrada.

A Doutrina dos muitos Eus foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros Clarividentes, pelos autênticos Iluminados.

Cada um de nossos defeitos psicológicos está personificado em tal ou qual Eu. Assim temos milhares e até milhões de defeitos, ostensivamente vive muita gente em nosso interior.

Em questões psicológicas, pudemos evidenciar claramente que os sujeitos paranóicos, ególatras e mitômanos, por nada da vida abandonariam o culto ao querido Ego.

Inquestionavelmente, tais pessoas odeiam mortalmente a doutrina dos muitos “Eus”.

Quando as pessoas querem de verdade, conhecer-se a si mesmas, devem auto-observar-se e tratar de conhecer os diferentes “Eus” que estão colocados dentro da personalidade.

Se algum de nossos leitores não compreende ainda esta doutrina dos muitos “Eus”, deve-se exclusivamente à falta de prática em matéria de auto-observação.

À medida que alguém pratica a auto-observação interior, vai descobrindo por si só as pessoas, os muitos “Eus”, que vivem dentro de sua própria personalidade.

Quem nega a doutrina dos muitos Eus, quem adora a um Eu Divino, indubitavelmente jamais se auto-observou seriamente. Falando desta vez em estilo socrático diremos que essa gente não só ignora mas também, além disso, ignora que ignora.

Certamente, jamais poderíamos conhecer a nós mesmos, sem a auto-observação séria e profunda.

Se um sujeito qualquer segue considerando-se como Um, é claro que qualquer mudança interior será algo mais que impossível.

Capítulo 12

A MUDANÇA RADICAL

Se um homem prosseguir com o engano de acreditar-se Um, Único, Individual, é evidente que a mudança radical será algo mais que impossível.

O próprio fato de que o trabalho esotérico começa com a rigorosa observação de si mesmo, está indicando-nos uma multiplicidade de fatores psicológicos, Eus ou elementos indesejáveis, que é urgente extirpar, erradicar de nosso interior.

Inquestionavelmente, e de modo algum seria possível eliminar enganos desconhecidos. Urge observar, previamente, aquele que queremos separar de nossa psique.

Este tipo de trabalho não é externo, mas sim interno e quem pense que qualquer manual de boas maneiras ou sistema ético externo e superficial possa levar ao êxito, estará, de fato totalmente equivocado.

O fato concreto e definitivo de que o trabalho íntimo começa com a atenção concentrada na observação plena de si mesmo, é motivo mais que suficiente para demonstrar que isto exige um esforço pessoal muito particular de cada um de nós.

Falando francamente e sem rodeios, asseguramos, de forma enfática o seguinte: nenhum ser humano poderia fazer esse trabalho por nós.

Não é possível mudança alguma em nossa psique, sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro.

Dar por aceita a multiplicidade de erros, descartando a necessidade de estudos e observação direta dos mesmos, significa, de fato, uma evasiva ou escapatória, uma fuga de si mesmo, uma forma de auto-engano.

Só através do esforço rigoroso da observação judiciosa de si mesmo, sem escapatórias de nenhuma espécie, poderemos evidenciar, realmente, que não somos “Um”, mas sim “Muitos”.

Admitir a pluralidade do Eu e evidenciá-la, através da observação rigorosa, são dois aspectos diferentes.

Alguém pode aceitar a Doutrina dos muitos Eus, sem haver jamais evidenciado; este último só é possível auto-observando-se cuidadosamente.

Fugir do trabalho de observação íntima e procurar evasivas, é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem sustenta a ilusão de que é sempre uma e a mesma pessoa, não pode mudar e, é óbvio que a finalidade deste trabalho é precisamente obter uma mudança gradual em nossa vida interior.

A transformação radical é uma possibilidade definida, que normalmente perde-se quando não se trabalha sobre si mesmo.

O ponto inicial da mudança radical permanece oculto enquanto o homem continua acreditando ser Um.

Quem rechaça a Doutrina dos muitos Eus demonstra, claramente, que jamais se observou seriamente.

A severa observação de si mesmo, sem escapatórias de nenhuma espécie, permite-nos verificar por nós mesmos, a crua realidade de que não somos “Um” mas sim “Muitos”.

No mundo das opiniões subjetivas, diversas teorias pseudo-esotéricas ou pseudo-ocultistas servem sempre de beco para fugir de si mesmos.

Inquestionavelmente, a ilusão de que se é sempre uma mesma pessoa, serve de obstáculo para a auto-observação.

Alguém poderia dizer: *“Sei que não sou Um, mas muitos, a Gnosis me ensinou isso”*. Tal afirmação, embora fosse muito sincera, mas, se não existisse plena experiência vivida sobre esse aspecto doutrinário, obviamente seria algo meramente externo e superficial.

Evidenciar, experimentar e compreender é fundamental; só assim é possível trabalhar conscientemente para obter uma mudança radical.

Afirmar é uma coisa e compreender é outra. Quando alguém diz: *“Compreendo que não sou Um senão muitos”*! Se a sua compreensão for verdadeira e não um mero palavrório insubstancial, de conversa ambígua, isto indica, assinala, acusa, plena verificação da Doutrina dos Muitos Eus.

Conhecimento e Compreensão são diferentes. O primeiro destes é da mente, o segundo do coração.

O mero conhecimento da Doutrina dos Muitos Eus de nada serve; infelizmente, pelos tempos em que vivemos, o conhecimento foi muito além da compreensão, porque o pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, desenvolveu exclusivamente o

lado do conhecimento, esquecendo, infelizmente, o lado correspondente ao Ser.

Conhecer a Doutrina dos Muitos Eus e compreendê-la é fundamental para toda a mudança radical verdadeira.

Quando um homem começa a se observar atentamente a si mesmo, do ponto de vista de que não é Um senão Muitos, obviamente iniciou o trabalho sério sobre sua natureza interior.

Capítulo 13

OBSERVADOR E OBSERVADO

É muito claro e não se torna difícil compreender, que quando alguém começa a observar a si mesmo seriamente, do ponto de vista que não é Um, senão Muitos, começa realmente a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro.

É óbice, obstáculo, tropeço, para o trabalho de Auto-observação Íntima, os seguintes defeitos Psicológicos: Mitomania (Delírio de Grandeza, acreditar-se Deus); Egoíatria (Crença em um Eu Permanente, adoração a qualquer espécie de Alter-ego); Paranóia (sabichões, Auto-suficiência, presunção, crer-se infalível, orgulho místico, pessoa que não sabe ver o ponto de vista alheio).

Quando se continua com a convicção absurda que se é Um, que se possui um Eu permanente, torna-se mais que impossível o trabalho sério sobre si mesmo.

Quem sempre se crê Um, nunca será capaz de separar-se de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará cada pensamento, sentimento, desejo, emoção, paixão, afeto, etc, como funcionalismos diferentes, imutáveis, de sua própria natureza e até se justificará diante dos outros, dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário.

Quem aceita a Doutrina dos Muitos Eus, compreende, à base da observação, que cada desejo, pensamento, ação, paixão, etc., corresponde a este ou outro Eu distinto, diferente.

Qualquer atleta da auto-observação íntima, trabalha muito seriamente dentro de si mesmo e se esforça para separar de sua psique os diversos elementos indesejáveis que carrega dentro.

Se alguém de verdade e sinceramente começa a observar-se internamente, divide-se em dois: Observador e Observado.

Se tal divisão não se produzisse, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na via maravilhosa do auto-conhecimento.

Como poderíamos observar-nos a nós mesmos se cometêssemos o engano de não querer dividir-nos entre Observador e Observado?

Se tal divisão não se produzisse, é óbvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do Auto-Conhecimento.

Indubitavelmente, quando esta divisão não acontece, continuamos identificados com todos os processos do Eu Pluralizado.

Quem se identifica com os diversos processos do eu pluralizado, é sempre vítima das circunstâncias.

Como poderia modificar circunstâncias aquele que não se conhece a si mesmo? Como poderia conhecer a si mesmo quem nunca se observou internamente? De que maneira poderia alguém auto-observar-se se não se divide previamente em Observador e Observado?

Agora, ninguém pode começar a mudar radicalmente, enquanto não for capaz de dizer: *“Este desejo é um Eu animal que devo eliminar”*; *“Este pensamento egoísta é outro Eu que me atormenta e que preciso desintegrar”*; *“Este sentimento que fere meu coração é um Eu intruso que preciso reduzir a poeira cósmica”*; etc.

Naturalmente, isto é impossível para quem nunca se dividiu entre Observador e Observado.

Quem toma todos os seus processos Psicológico como funcionalismo de um Eu Único, Individual e permanente se encontra-se tão identificado com todos os seus erros, os tem tão unidos a si mesmo, que perdeu, por tal motivo, a capacidade para separá-los de sua psique.

Obviamente, pessoas assim jamais podem mudar radicalmente; são pessoas condenadas ao mais rotundo fracasso.

Capítulo 14

PENSAMENTOS NEGATIVOS

Pensar profundamente e com plena atenção resulta estranho por esta época involutiva e decadente.

Do Centro Intelectual surgem diversos pensamentos provenientes, não de um Eu permanente, como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, senão dos diferentes “Eus” em cada um de nós.

Quando um homem está pensando, crê firmemente que ele em si mesmo e por si só está pensando.

Não quer perceber, o pobre mamífero intelectual, que os múltiplos pensamentos que cruzam em seu entendimento, tem sua origem nos distinto “Eus” que levamos dentro.

Isto significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes, realmente ainda não temos mente individual.

Entretanto, cada um dos diferentes “Eus” que carregamos dentro, usa nosso Centro Intelectual; utiliza-o cada vez que pode, para pensar.

Absurdo seria identificar-nos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial, acreditando-o propriedade particular.

Obviamente, este ou aquele pensamento negativo provém de qualquer “Eu”, que em um momento dado usou abusivamente o nosso Centro Intelectual.

Pensamentos negativos existem de diferentes espécies: suspeita, desconfiança, má vontade para com outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes por amizades ou de tipo familiar, cobiça, luxúria, vingança, ira, orgulho, inveja, ódio, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula, etc.

Realmente, são tantos os defeitos psicológicos que possuímos, que embora tivéssemos paladar de aço e mil línguas para falar, não alcançaríamos enumerá-los cabalmente.

Como consequência ou corolário do que foi dito anteriormente, torna-se desatinado identificar-nos com os pensamentos negativos.

Assim, não é possível que exista efeito sem causa. Afirmamos solenemente, que nunca poderia existir um pensamento por si só, por geração espontânea.

A relação entre pensador e pensamento é visível, cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente.

Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos, quantos pensamentos da mesma índole.

Olhar esta questão do ângulo pluralizado de “Pensadores e Pensamentos”, mostra que cada um dos “Eus” que carregamos em nossa psique, é certamente um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós, existem muitos pensadores, entretanto, cada um destes, apesar de ser tão somente parte, crê-se o todo, em um momento dado.

Os mitômanos, os ególotras, os narcisistas, os paranóicos, nunca aceitariam a tese da “Pluralidade de Pensadores”, porque querem muito a si mesmos, sentem-se “o papai do Tarzan” ou “a mamãe dos pintinhos”.

Como poderiam tais pessoas anormais, aceitar a idéia de que não possuem uma mente individual, genial, maravilhosa?

Entretanto, tais sabichões pensam de si mesmos o melhor e até se vestem com a túnica de Aristipo para demonstrar sabedoria e humildade.

Conta por aí a lenda dos séculos, que Aristipo, querendo demonstrar sabedoria e humildade, vestiu-se com uma velha túnica cheia de remendos e buracos, empunhou com a mão direita o bastão da Filosofia e foi-se pelas ruas de Atenas.

Dizem que quando Sócrates o viu, exclamou em alta voz: *“Oh, Aristipo, se vê tua vaidade através dos buracos de tua vestimenta!”*.

Quem não vive sempre em estado de Alerta Novidade, Alerta Percepção, pensando que está pensando, identifica-se facilmente com qualquer pensamento negativo.

O que resulta disto, lamentavelmente, fortalece o poder sinistro do “Eu Negativo”, autor do correspondente pensamento em questão.

Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, mais escravos seremos do correspondente “Eu” que o caracteriza.

Com respeito à Gnosis, ao Caminho Secreto, ao trabalho sobre si mesmo, nossas tentações particulares se encontram precisamente nos “Eus” que odeiam a Gnosis, o trabalho esotérico, porque não ignoram que sua existência dentro de nossa psique está mortalmente ameaçada pela Gnosis e pelo trabalho.

Esses “Eus Negativos” e briguentos se apoderam facilmente de certos cilindros mentais armazenados em nosso Centro Intelectual e iniciam sequencialmente correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitamos esses pensamentos, esses “Eus Negativos” que em um momento dado controlam nosso centro intelectual, seremos então incapazes de nos liberar de seus resultados.

Jamais devemos esquecer que todo “Eu Negativo” se “auto-engana” e “engana”. Em conclusão: mente.

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se afasta da Gnosis, do trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e abandona o melhor, é óbvio que foi enganado por algum Eu negativo.

O “Eu negativo do Adultério” aniquila os nobres lares e faz os filhos infelizes.

O “Eu Negativo do Ciúme” engana aos seres que se adoram e destrói a felicidade dos mesmos.

O “Eu Negativo do Orgulho Místico” engana aos devotos do Caminho e estes, sentindo-se sábios, aborrecem a seu Mestre ou o atraíam.

O Eu Negativo apela para as nossas experiências pessoais, para nossas lembranças, para os nossos melhores desejos, para a nossa sinceridade, e mediante uma rigorosa seleção de tudo isto, apresenta algo em uma falsa luz, algo que fascina e vem o fracasso.

Entretanto, quando a gente descobre o “Eu” em ação, quando aprendeu a viver em estado de alerta, tal engano não se faz possível.

Capítulo 15

A INDIVIDUALIDADE

Crer-se “Um”, certamente é uma brincadeira de muito mau gosto. Infelizmente, essa tola ilusão existe dentro de cada um de nós.

Infelizmente, sempre pensamos o melhor de nós mesmos, nunca nos ocorre compreender, que nem sequer possuímos Individualidade verdadeira.

O pior é que até nos damos ao falso luxo de supor que cada um de nós goza de plena consciência e vontade própria.

Pobres de nós! Quão néscios somos! Não há dúvida de que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem milhares de indivíduos diferentes, sujeitos distintos, Eus ou pessoas que brigam entre si, que brigam pela supremacia e que não têm ordem ou concordância alguma.

Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão diferente seria a vida.

Mas para cúmulo de nosso infortúnio, as emoções negativas e as auto-considerações e amor-próprio nos fascinam, hipnotizam-nos, nunca nos lembramos de nós mesmos, de nos ver tal como somos.

Acreditamos ter uma só vontade, quando em realidade possuímos muitas vontades diferentes. (Cada Eu tem a sua).

A tragicomédia de toda esta multiplicidade interior torna-se pavorosa, as diferentes vontades interiores chocam-se entre si, vivem em conflito contínuo, atuam em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira Individualidade, se possuíssemos uma unidade em vez de uma multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta, vontade particular, individual.

Mudar é o indicado, entretanto, devemos começar sendo sinceros com nós mesmos.

Precisamos fazer um inventário psicológico de nós mesmos, para conhecer o que nos sobra e o que nos falta.

É possível conseguir Individualidade, mas, se acreditamos possuí-la, tal possibilidade desaparecerá.

É evidente que jamais lutaríamos para conseguir algo que já temos. A fantasia nos faz acreditar que somos possuidores da individualidade e até existem no mundo escolas que assim o ensinam.

É urgente lutar contra a fantasia, ela nos faz aparecer como se fôssemos isto, ou aquilo, quando em realidade somos miseráveis, desavergonhados e perversos.

Pensamos que somos homens, quando na verdade somos tão só mamíferos intelectuais desprovidos de Individualidade.

Os mitômanos creem-se Deuses, Mahatmas, etc., sem suspeitar que nem sequer tem mente individual e Vontade Consciente.

Os ególotras adoram tanto a seu querido Ego que nunca aceitariam a idéia da multiplicidade de Egos dentro de si mesmos.

Os paranóicos, com todo o orgulho clássico que lhes caracteriza, nem sequer lerão este livro.

É indispensável lutar até a morte contra a fantasia a respeito de nós mesmos, se é que não queremos ser vítimas de emoções artificiais e experiências falsas que, além de nos colocar em situações ridículas, detêm toda a possibilidade de desenvolvimento interior.

O animal intelectual está tão hipnotizado por sua fantasia, que sonha que é leão ou águia quando na verdade não é mais que um vil verme do lodo da terra.

O mitômano jamais aceitaria as afirmações supracitadas. Obviamente, ele sente-se arquihiérofante, digam o que disserem, sem suspeitar que sua fantasia é meramente nada, nada senão fantasia.

A fantasia é uma força real, que atua universalmente sobre a humanidade e que mantém o humanóide intelectual em estado de sonho, fazendo acreditar que já é um homem, que possui verdadeira individualidade, vontade, consciência desperta, mente particular, etc.

Quando pensamos que somos Um, não podemos nos mover de onde estamos em nós mesmos, permanecemos estancados e, por último degeneramos, involuímos.

Cada um de nós encontra-se em uma determinada etapa psicológica, e não podemos sair desta, a menos que descubramos diretamente todas essas pessoas ou Eus que vivem dentro de nossa pessoa.

É claro que, mediante a auto-observação íntima, poderemos ver as pessoas que vivem em nossa psique e precisamos eliminá-las para obtermos a transformação radical.

Esta percepção, esta auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que tínhamos sobre nós mesmos e, como resultado, evidenciamos o fato concreto de que não possuímos verdadeira individualidade.

Enquanto não nos auto-observarmos, viveremos na ilusão de que somos Um e em consequência nossa vida será equivocada.

Não é possível nos relacionar corretamente com os nossos semelhantes enquanto não realizemos uma mudança interior no fundo de nossa psique.

Qualquer mudança íntima exige a eliminação prévia dos Eus que levamos dentro.

De maneira nenhuma poderíamos eliminar tais Eus se não os observássemos em nosso interior.

Aqueles que se sentem Um, que pensam o melhor de si mesmos, que nunca aceitariam a doutrina dos muitos, tampouco desejam observar os Eus, não terão qualquer possibilidade de mudança.

Não é possível mudar se não se elimina alguma coisa. Se aquele que se sente possuidor da Individualidade aceitasse que deve eliminar, ignoraria realmente o que é que deve eliminar.

Porém, não devemos esquecer que quem crê ser Um, auto-engana-se acreditando que sabe o que deve eliminar, mas na verdade nem sequer sabe que não sabe, é um ignorante ilustrado.

Necessitamos “não sermos egóicos” para “nos individualizarmos”, porém, quem acredita que possui a individualidade, torna-se impossível deixar de ser egóico.

A individualidade é sagrada em cento por cento, poucos são os que a têm, porém todos pensam que a têm.

Como poderíamos eliminar “Eus”, se acreditamos que temos um “Eu” Único?

Certamente, só quem nunca se observou seriamente pensa que tem um Eu Único.

Porém devemos ter muita clareza neste ensinamento porque existe o perigo psicológico de confundir individualidade autêntica com o conceito de alguma espécie de “Eu Superior” ou algo deste tipo.

A Individualidade Sagrada está muito além de qualquer forma de “Eu”; é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

A legítima Individualidade é o Ser e a razão de Ser do Ser, é o próprio Ser.

Distingue-se entre o Ser e o Eu. Quem confunde o Eu com o Ser, provavelmente nunca se observou com seriedade.

Enquanto a Essência, a consciência continuar engarrafada entre todo esse conjunto de Eus que levamos dentro, a mudança radical será algo mais que impossível.

Capítulo 16

O LIVRO DA VIDA

Uma pessoa é o que é sua vida. Isso que continua além da morte é a vida. Este é o significado do livro da vida que se abre com a morte.

Vista esta questão sob a ótica estritamente psicológica, um dia qualquer de nossa vida é realmente uma pequena réplica da totalidade da vida.

De tudo isto podemos inferir o seguinte: Se um homem não trabalha sobre si mesmo hoje, não mudará nunca.

Quando se afirma que quer trabalhar sobre si mesmo, e não se trabalha hoje, postergando para amanhã, tal afirmação será um simples projeto e nada mais, porque no hoje está a réplica de toda nossa vida.

Existe um ditado popular que diz: *“Não deixem para amanhã o que se pode fazer hoje”*.

Se o homem disser: *“Trabalharei sobre mim Mesmo, amanhã”*, nunca trabalhará sobre si mesmo, porque sempre haverá um amanhã.

Isto é muito parecido com certo anúncio ou letreiro que alguns comerciantes põem em suas lojas: *“Fiado Só Amanhã”*.

Quando algum necessitado chega a solicitar crédito, dá de cara com o terrível aviso, e volta outro dia, encontra outra vez o terrível anúncio ou letreiro.

Isto é o que se chama em psicologia a “enfermidade do amanhã”, nunca mudará.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, trabalhar sobre nós mesmos hoje, não sonhar, com preguiça, num futuro ou numa oportunidade extraordinária.

Esses que dizem: *“Antes vou fazer isto ou aquilo e depois trabalharei”*. Jamais trabalharão sobre si mesmos, esses são os moradores da terra mencionados nas Sagradas Escrituras.

Conheci um poderoso latifundiário que dizia: *“Necessito primeiro aumentar minhas propriedades, depois trabalharei sobre Mim Mesmo”*.

Quando adoeceu de morte visitei-o, então lhe fiz a seguinte pergunta: *“Ainda queres aumentar tuas propriedades?”*.

“Lamento muito ter perdido o tempo”, respondeu-me. Dias depois morreu, depois de ter reconhecido seu engano.

Aquele homem tinha muitas terras, mas queria apropriar-se das propriedades vizinhas, a fim de que sua fazenda ficasse exatamente limitada por quatro caminhos.

“Basta a cada dia seu afã!”, disse o Grande Kabir Jesus. Auto-observar-nos hoje, no dia corrente, miniatura de nossa vida inteira.

Quando um homem começa a trabalhar sobre si mesmo, hoje mesmo, quando observa seus desgostos e penas, segue pelo caminho do êxito.

Não seria possível eliminar o que não conhecemos. Devemos observar nossos próprios enganos.

Necessitamos não só conhecer nosso dia, mas também a relação com o mesmo. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta diretamente, exceto os acontecimentos insólitos, inusitados.

Resulta interessante observar a recorrência diária, a repetição de palavras e acontecimentos, para cada pessoa, etc.

Essa repetição ou recorrência de eventos e palavras, merece ser estudada, conduz-nos ao auto-conhecimento.

Capítulo 17

CRIATURAS MECÂNICAS

De maneira nenhuma poderíamos negar a Lei da Recorrência, processando-se em cada momento de nossa vida.

Certamente, em cada dia de nossa existência, existe a repetição de eventos, estados de consciência, palavras, desejos, pensamentos, volições, etc.

É óbvio que quando alguém não se auto-observa, não percebe esta incessante repetição diária.

Torna-se evidente que, quem não sente interesse algum por observar-se a si mesmo, tampouco deseja trabalhar, para obter uma verdadeira transformação radical.

Para cúmulo dos cúmulos, há pessoas que querem transformar-se sem trabalhar sobre si mesmos.

Não negamos o fato de que cada um tem o direito à real felicidade do Espírito, mas também é certo, que tal felicidade seria algo mais que impossível se não trabalharmos sobre nós mesmos.

Uma pessoa pode mudar intimamente, quando de verdade consegue modificar suas reações diante dos diversos fatos que lhe sucedem diariamente.

Porém, não poderíamos modificar nossa forma de reagir diante dos fatos da vida prática, se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Precisamos mudar nossa maneira de pensar, ser menos negligentes, nos tornarmos mais sérios e tomarmos a vida de forma diferente, em seu sentido real e prático.

Porém, se continuarmos assim, tal como estamos, comportando-nos da mesma forma, todos os dias, repetindo os mesmos enganos, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança ficará de fato eliminada.

Para chegarmos a conhecer-nos a nós mesmos, devemos começar por observar nossa própria conduta, diante dos acontecimentos de qualquer dia da vida.

Não queremos dizer com isto que não se deva observar-se a si mesmo diariamente, só queremos afirmar que se deve começar por observar um primeiro dia.

Em tudo deve haver um começo, e começar por observar nossa conduta em qualquer dia de nossa vida, é um bom começo.

Observar nossas reações mecânicas diante de todos esses pequenos detalhes do quarto, lar, sala, casa, rua, trabalho, etc... o que alguém diz, sente e pensa, é certamente o mais indicado.

O importante é ver como ou de que maneira, alguém pode mudar essas reações; porém, se acreditamos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma inconsciente e equivocada, nunca mudaremos.

Acima de tudo, precisamos compreender que somos pessoas-máquinas, simples marionetes, controladas por agentes secretos, por Eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas, nunca somos idênticos. Às vezes, manifesta-se em nós uma pessoa mesquinha; outras vezes, uma pessoa irritável; em qualquer outro instante, uma pessoa esplêndida, benevolente; mais tarde, uma pessoa escandalosa ou caluniadora; depois um santo; mais adiante, um embusteiro, etc.

Temos pessoas de toda classe dentro de nós, Eus de toda espécie. Nossa personalidade não é mais que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Começemos por nos comportar, conscientemente durante uma pequena parte do dia. Precisamos deixar de ser simples máquinas, embora sejamos, durante uns breves minutos diários, isto influirá decisivamente sobre nossa existência.

Quando nos auto-observamos e não fazemos o que tal ou qual Eu quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas.

Um só momento, em que se está bastante consciente, para deixar de ser máquina, se fizer voluntariamente, isto costuma modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Desgraçadamente, vivemos diariamente uma vida mecanicista, rotineira, absurda. Repetimos eventos, nossos hábitos são os mesmos, nunca queremos modificá-los, são os trilhos mecânicos por onde circula o trem de nossa miserável existência, mas pensamos de nós o melhor.

Por toda parte abundam os “Mitômanos”, os que se crêem Deuses, criaturas mecânicas, rotineiras, personagens do lodo da terra, míseros bonecos movidos por diversos Eus; pessoas assim não trabalharão sobre si mesmos.

Capítulo 18

O PÃO SUPER-SUBSTANCIAL

Se observarmos cuidadosamente qualquer dia de nossa vida, certamente veremos que não sabemos viver conscientemente.

Nossa vida parece um trem em marcha, movendo-se nos trilhos fixos dos hábitos mecânicos, rígidos, de uma existência vã e superficial.

O curioso do caso é que jamais nos ocorre modificar os hábitos, parece que não nos cansamos de estar repetindo sempre o mesmo.

Os hábitos nos mantêm petrificados, mas pensamos que somos livres; somos espantosamente feios mas acreditamos ser Apolos.

Somos gente mecânica, motivo mais que suficiente para carecer de todo sentimento verdadeiro do que estamos fazendo na vida.

Movemo-nos, diariamente, dentro do velho trilho de nossos hábitos antiquados e absurdos, e é claro, que não temos uma verdadeira vida. Em vez de viver, vegetamos miseravelmente, e não recebemos novas impressões.

Se uma pessoa iniciasse seu dia conscientemente, é ostensível que tal dia seria muito diferente dos outros dias.

Quando alguém toma a totalidade de sua vida como o próprio dia que está vivendo, quando não deixa para amanhã o que deve fazer hoje mesmo, chega realmente a conhecer o que significa trabalhar sobre si mesmo.

Jamais um dia carece de importância, se na verdade queremos nos transformar radicalmente. Devemos ver-nos, observar-nos e compreender-nos diariamente.

Entretanto, as pessoas não querem ver-se a si mesmas; algumas, tendo vontade de trabalhar sobre si mesmas, justificam sua negligência, com frases como esta: *“O trabalho no escritório não permite trabalhar sobre mim mesmo”*. Estas são palavras sem sentido, ocas, vãs, absurdas, que só servem para justificar a indolência, a preguiça, a falta de amor pela Grande Causa.

Pessoas assim, embora tenham muitas inquietações espirituais, é óbvio que não mudarão nunca.

Observar a si mesmo é urgente, inadiável, impostergável. A auto-observação íntima é fundamental para a mudança verdadeira.

Qual é seu estado psicológico ao levantar-se? Qual é seu estado de ânimo durante o café da manhã? Esteve impaciente com o garçom? Com a esposa? Porquê esteve impaciente? O que sempre o transtorna? Etc.

Fumar ou comer menos não é toda a mudança, mas indica certo avanço. Bem sabemos que o vício e a gula são inumanos e bestiais.

Não é correto que alguém, dedicado ao caminho secreto, tenha um corpo físico excessivamente gordo e com um ventre volumoso e fora de toda euritmia de perfeição. Isso indicaria gula e até preguiça.

A vida cotidiana, a profissão, o emprego, embora vitais para a existência, constituem o sonho da consciência.

Saber que a vida é sonho, não significa havê-lo compreendido. A compreensão vem com a auto-observação e o trabalho intenso sobre si mesmo.

Para trabalhar sobre si, é indispensável trabalhar sobre sua vida diária, hoje mesmo, e então compreenderá o que significa aquela frase da Oração do Senhor: *“O Pão nosso de cada dia”*.

A frase “Cada Dia”, significa o “Pão Super-Substancial” em grego ou o “Pão do Alto”. A Gnosis dá esse Pão de Vida, no duplo sentido de idéias e forças que nos permitem desintegrar erros psicológicos.

Cada vez que reduzimos a poeira cósmica tal ou qual “Eu”, ganhamos experiência psicológica, comemos o “Pão da Sabedoria”, recebemos um novo conhecimento.

A Gnosis nos oferece o “Pão Super-Substancial”, o “Pão da Sabedoria”, e nos assinala com precisão a nova vida que começa em nós mesmos, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Agora, ninguém pode alterar sua vida ou mudar coisa alguma relacionada com as reações mecânicas da existência, a menos que conte com a ajuda de novas idéias e receba auxílio Divino.

A Gnosis dá essas novas idéias e ensina o *“modus operandi”* mediante o qual pode ser assistido por Forças Superiores à mente.

Precisamos preparar os centros inferiores de nosso organismo para receber as idéias e a força que vêm dos Centros Superiores.

No trabalho sobre si mesmo, não existe nada depreciável. Qualquer pensamento por insignificante que seja, merece ser observado. Qualquer emoção negativa, reação, etc., deve ser observada.

Capítulo 19

O BOM DONO DE CASA

Afastar-se dos efeitos desastrosos da vida, nestes tempos tenebrosos, certamente é muito difícil, mas indispensável; do contrário, se é devorado pela vida.

Qualquer trabalho que alguém faça sobre si mesmo, com o propósito de obter um desenvolvimento anímico e espiritual, relaciona-se, sempre, com o isolamento muito bem entendido, pois, sob a influência da vida, tal como sempre a vivemos, não é possível desenvolver outra coisa senão a personalidade.

De modo algum tentamos nos opor ao desenvolvimento da personalidade. Obviamente, é necessária na existência, mas é algo meramente artificial, não é o verdadeiro, o real em nós.

Se o pobre mamífero intelectual, equivocadamente chamado homem, não se isola, mas se identifica com todos os acontecimentos da vida prática e gasta suas forças em emoções negativas, em auto-considerações pessoais e no tolo palavreiro insubstancial, conversas ambíguas, nada edificantes, nenhum elemento real pode desenvolver-se nele, fora do que pertence ao mundo da mecanicidade.

Certamente, quem quiser, de verdade, obter em si o desenvolvimento da Essência, deve estar hermeticamente fechado. Isto refere-se a algo íntimo, estreitamente relacionado com o silêncio.

A frase vem dos antigos tempos, quando se ensinava secretamente uma Doutrina sobre o desenvolvimento interior do homem, vinculada com o nome de Hermes.

Se alguém quiser que algo real cresça em sua interioridade, é claro que deve evitar o escape de suas energias psíquicas.

Quando a pessoa tem escape de energia, e não está isolado em sua intimidade, inquestionavelmente não poderá obter o desenvolvimento de algo real em sua psique.

A vida ordinária, comum, quer nos devorar implacavelmente, devemos lutar contra a vida diariamente, devemos aprender a nadar contra a correnteza.

Este trabalho vai contra a vida, trata-se de algo muito diferente ao de todos os dias; contudo, devemos praticar de instante em instante. Quero referir-se à Revolução da Consciência.

É evidente que, se nossa atitude para com a vida diária é fundamentalmente equivocada, se acreditamos que tudo deve marchar bem, “*assim, porque sim*”, virão os desenganos.

As pessoas querem que as coisas lhes saiam bem, “*assim, porque sim*”, porque tudo deve estar de acordo com seus planos; mas a crua realidade é diferente. Enquanto não mudarmos interiormente, gostemos ou não, seremos sempre vítimas das circunstâncias.

Fala-se e escreve-se sobre a vida, muita estupidez sentimental. Porém este Tratado de Psicologia Revolucionária é diferente.

Esta Doutrina vai ao grão, aos fatos concretos, claros e definitivos; afirma, enfaticamente, que o “Animal Intelectual” equivocadamente chamado homem, é um bípede mecânico, inconsciente, adormecido.

“O Bom Dono de Casa” jamais aceitaria a Psicologia Revolucionária. Cumpre com todos os seus deveres como pai, marido, etc., e, por isso, pensa o melhor de si mesmo. Todavia, só serve aos fins da natureza e isso é tudo.

Por oposição, diremos que também existe “O Bom Dono de Casa” que nada contra a maré, que não quer se deixar devorar pela vida, porém, esses sujeitos são muito raros no mundo, não abundam nunca.

Quando uma pessoa pensa de acordo com as idéias deste Tratado de Psicologia Revolucionária, obtém uma correta visão da vida.

Capítulo 20

OS DOIS MUNDOS

Observar e observar a si mesmo são duas coisas completamente diferentes, entretanto, ambas exigem atenção.

Na observação, a atenção é orientada para fora, para o mundo exterior, através das janelas dos sentidos.

Na auto-observação de si mesmo, a atenção é orientada para dentro, e para isso os sentidos de percepção externa não servem, motivo mais que suficiente para ser difícil, ao neófito, a observação de seus processos psicológicos íntimos.

O ponto de partida da ciência oficial, em seu lado prático, é o observável. O ponto de partida do trabalho sobre si mesmo, é a auto-observação, o auto-observável.

Inquestionavelmente, esses dois pontos de partida supracitados, levam-nos para direções completamente diferentes.

Alguém poderia envelhecer, engarrafado entre os dogmas intransigentes da ciência oficial, estudando fenômenos externos, observando células, átomos, moléculas, sóis, estrelas, cometas, etc., sem experimentar dentro de si mesmo nenhuma mudança radical.

A classe de conhecimento que transforma interiormente a alguém, jamais poderia ser obtida mediante a observação externa.

O verdadeiro conhecimento, que realmente pode originar em nós uma mudança interior fundamental, tem por embasamento a auto-observação direta de si mesmo.

É urgente dizer aos nossos estudantes Gnósticos que observem a si mesmos e em que sentido devem auto-observar-se, e as razões disso.

A observação é um meio para modificar as condições mecânicas do mundo.

A auto-observação interior é um meio para mudar intimamente.

Como consequência ou corolário de tudo isto, podemos e devemos afirmar, de forma enfática, que existem duas classes de conhecimento: o externo e o interno, e que a menos que tenhamos em nós mesmos o centro magnético que possa diferenciar as qualidades

do conhecimento, esta mistura dos dois planos ou ordens de idéias poderiam levar-nos à confusão.

Sublimes Doutrinas pseudo-esotéricas, com marcado cientificismo profundo, pertencem ao terreno do observável, entretanto são aceitas por muitos aspirantes como conhecimento interno.

Encontramo-nos pois ante dois mundos: o exterior e o interior. O primeiro destes é recebido pelos sentidos de percepção externa; o segundo só pode ser percebido mediante o sentido de auto-observação interna.

Pensamentos, idéias, emoções, desejos, esperanças, desenganos, etc., são interiores, invisíveis para os sentidos ordinários, comuns e correntes, porém, são para nós mais reais que a mesa de refeições ou as poltronas da sala.

Certamente, vivemos mais em nosso mundo interior que no exterior, isto é irrefutável, irrefutável.

Em nossos Mundos Internos, em nossos mundos secretos, amamos, desejamos, suspeitamos, abençoamos, amaldiçoamos, anelamos, sofremos, gozamos, somos defraudados, premiados, etc.

Inquestionavelmente, os dois mundos, o interno e o externo, são verificáveis experimentalmente.

O mundo interior é o auto-observável em si mesmo e dentro de si mesmo, aqui e agora.

Quem de verdade quer conhecer os “Mundos Internos” do planeta Terra, do Sistema Solar ou da Galáxia em que vivemos, deve conhecer previamente seu mundo íntimo, sua vida interior, particular, seus próprios “Mundos Internos”. *“Homem, conhece-te a mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses”*.

Quanto mais se explore este “Mundo Interior”, chamado “nós mesmos”, tanto mais compreenderá que vive simultaneamente em dois mundos, em duas realidades, em dois âmbitos, o exterior e o interior.

Do mesmo modo que é indispensável aprender a caminhar no “mundo exterior”, para não cair em um precipício, não se extraviar nas ruas da cidade, selecionar suas amizades, não se associar com perversos, não comer veneno, etc., assim também, mediante o

trabalho psicológico sobre si mesmo, aprendemos a caminhar no “Mundo Interior”, que é explorável mediante a auto-observação de si.

Realmente, o sentido de auto-observação de si mesmo se encontra atrofiado na raça humana decadente desta época tenebrosa em que vivemos.

À medida que nós perseveramos na auto-observação de si mesmos, o sentido da auto-observação íntima irá desenvolvendo-se progressivamente.

Capítulo 21

OBSERVAÇÃO DE SI MESMO

A auto-observação Íntima de si mesmo é um meio prático para obter uma transformação radical.

Conhecer e observar são diferentes. Muitos confundem a observação de si com o conhecer. Temos conhecimentos que estamos sentados em uma cadeira, em uma sala, mais isto não significa que estejamos observando a cadeira.

Conhecemos que, em um dado instante, encontramos-nos em um estado negativo, talvez com algum problema, ou preocupados com este ou aquele assunto, ou em estado de desassossego ou incerteza, etc. Mas isto não significa que estejamos nos observando.

Sente você antipatia por alguém? Não lhe agrada certa pessoa? Porquê? Você dirá que conhece essa pessoa... Por favor! Observe-a! Conhecer nunca é observar; não confunda o conhecer com o observar.

A observação de si que é cento por cento ativa, é um meio de transformação de si, enquanto que o conhecer, que é passivo, não o é.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção dirigida para dentro de si mesmo, para o que está ocorrendo em nosso interior, sim, é algo positivo, ativo...

No caso de uma pessoa a quem se tem antipatia, 'assim porque sim', porque nos deu vontade e muitas vezes sem motivo algum... Se nos alertamos, percebemos a multidão de pensamentos que se acumulam na mente, o grupo de vozes que falam e gritam desordenadamente dentro de nós mesmos, percebemos o que estão dizendo as emoções desagradáveis que surgem em nosso interior, o sabor desagradável que tudo isto deixa em nossa psique, etc.

Obviamente, em tal estado, percebemos também que interiormente estamos tratando muito mal a pessoa a quem temos antipatia.

Mas, para ver tudo isto, necessita-se inquestionavelmente, de uma atenção dirigida, intencionalmente, para dentro de si mesmo, não de uma atenção passiva.

A atenção dinâmica provém, realmente, do lado observante, enquanto os pensamentos e as emoções, pertencem ao lado observado.

Tudo isto faz-nos compreender que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico, em contraste evidente com a observação de si, que é um ato consciente.

Não queremos com isto dizer, que não exista a observação mecânica de si, mas tal tipo de observação nada tem a ver com a Auto-observação psicológica, à qual estamos nos referindo.

Pensar e observar também são diferentes. Qualquer sujeito pode se dar ao luxo de pensar de si mesmo tudo o que queira, mas isto não quer dizer que esteja se observando realmente.

Precisamos ver os distintos “Eus” em ação, descobri-los em nossa psique, compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria consciência, e arrepende-nos de havê-los criado, etc.

Então, exclamaremos: *“Mas, o que este Eu está fazendo?”* *“O que está dizendo?”* *“O que é que quer?”* *“Por que me atormenta com sua luxúria?”*, *“Com sua ira?”*, Etc...

Então veremos dentro de nós mesmos, todos esses pensamentos, emoções, desejos, paixões, comédias privadas, dramas pessoais, elaboradas mentiras, discursos, desculpas, morbosidades, leitões de prazer, quadros de lascívia, etc...

Muitas vezes, antes de dormir, no preciso instante da transição entre a vigília e o sono, sentimos dentro de nossa própria mente distintas vozes que falam entre si; são os diferentes Eus que devem romper em tais momentos, toda a conexão com os diferentes centros de nossa máquina orgânica, a fim de submergir-se, em seguida, no mundo molecular, na “Quinta Dimensão”.

Capítulo 22

A CONVERSA

Torna-se urgente, inadiável, impostergável, observar a conversa interior e o lugar preciso de onde provém.

Inquestionavelmente, a conversa interior equivocada é a *Causa Causorum* de muitos estados psíquicos desarmônicos e desagradáveis, no presente e também no futuro.

Obviamente, esse vão palavrório insubstancial de sentido ambíguo, e em geral toda conversa prejudicial, daninha, absurda, manifestada no mundo exterior, tem sua origem na conversação interior equivocada.

Sabe-se que existe na Gnosis a Prática esotérica do silêncio interior, isto o sabem nossos discípulos de “Terceira Câmara”.

Podemos dizer, sem exagerar e com inteira claridade, que o silêncio interior deve ser especificamente algo muito preciso e definido.

Quando o processo do pensar se esgota intencionalmente durante a meditação interior profunda, advêm o silêncio interior, mas não é isto o que queremos explicar no presente capítulo.

“Esvaziar a mente” ou “pô-la em branco”, para conseguir o silêncio interior, tampouco não é o que tentamos explicar agora nestes parágrafos.

Praticar o silêncio interior a que estamos nos referindo, tampouco significa impedir que algo penetre na mente.

Realmente, estamos falando agora de um tipo de silêncio interior muito diferente, não se trata de algo vago e geral.

Queremos praticar o silêncio interior em relação à algo que já esteja na mente, pessoa, acontecimento, assunto próprio ou alheio, o que nos contaram, o que fez fulano, etc., mas sem tocá-lo com a língua interior, sem discurso íntimo.

Aprender a calar não somente com a língua exterior, mas também e além disso, com a língua secreta, interna, resulta extraordinário, maravilhoso.

Muitos calam exteriormente, mais com sua língua interior esfolam vivo ao próximo. A conversa interior venenosa e malévola, produz confusão interior.

Se observarmos a conversa interior equivocada, veremos que é feita de meias verdades, ou de verdades que se relacionam entre si de um modo mais ou menos incorreto, ou algo que se agregou ou se omitiu.

Desgraçadamente, nossa vida emocional fundamenta-se exclusivamente, na “auto-simpatia”.

Para cúmulo de tanta infâmia, só simpatizamos conosco mesmos, com nosso tão “querido Ego”, e sentimos antipatia e até ódio daqueles que não simpatizam conosco.

Queremos muito a nós mesmos, somos cem por cento narcisistas, isto é irrefutável, irrefutável.

Enquanto continuemos bloqueados na “auto-simpatia”, qualquer desenvolvimento do Ser torna-se mais que impossível.

Precisamos aprender a ver o ponto de vista alheio. É urgente saber colocar-se no lugar dos outros.

“Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei vós a eles”.
(Mateus: VII, 12).

O que verdadeiramente conta nestes estudos, é a maneira como os homens se comportam interna e invisivelmente uns com os outros.

Infelizmente, e ainda que sejamos muito corteses e até sinceros, às vezes, não há dúvida de que invisível e internamente, tratamos muito mal uns aos outros.

Pessoas aparentemente muito bondosas, arrastam diariamente seus semelhantes para a cova secreta de si mesmos, para fazer com estes todos os seus caprichos (humilhações, burla, escárnio, etc.).

Capítulo 23

O MUNDO DAS RELAÇÕES

O mundo das relações tem três aspectos muito diferentes, que necessitamos esclarecer de forma precisa.

Primeiro: Estamos relacionados com o corpo planetário, ou seja, com o corpo físico.

Segundo: Vivemos no planeta Terra, e por consequência lógica, estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões que correspondem a nós: familiares, negócios, finanças, questões profissionais, política, etc., etc., etc.

Terceiro: A relação do homem consigo mesmo. Para a maioria das pessoas, este tipo de relação não tem a menor importância.

Infelizmente, as pessoas só se interessam pelos dois primeiros tipos de relações, olhando com a mais absoluta indiferença o terceiro tipo.

Alimento, saúde, dinheiro, negócios, constituem realmente as principais preocupações do “Animal Intelectual” equivocadamente chamado “homem”.

Torna-se evidente que tanto o corpo físico como os assuntos do mundo são exteriores a nós.

O Corpo Planetário (corpo físico), às vezes se encontra doente, às vezes sadio e assim sucessivamente.

Creemos sempre ter algum conhecimento de nosso corpo físico, mas na realidade, nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso.

Não há dúvida de que o corpo físico, dada a sua tremenda e complexa organização, está muito além de nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias. É lamentável que ainda não tenhamos aprendido a originar conscientemente as circunstâncias.

São muitas as pessoas incapazes de se adaptarem às coisas ou às pessoas ou ter verdadeiro êxito na vida.

Ao pensar em nós mesmos, do ponto de vista do trabalho esotérico Gnóstico, faz-se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode acontecer o caso concreto de que estejamos equivocadamente relacionados com o corpo físico, e em consequência, estarmos doentes.

Pode acontecer que estejamos mal relacionados com o mundo exterior e como resultado, tenhamos conflitos, problemas econômicos e sociais, etc...

Pode ser que estejamos mal relacionados com nós mesmos e, conseqüentemente, soframos muito por falta de Iluminação Interior.

Obviamente, se a lâmpada de nosso aposento não está conectada à instalação elétrica, nosso aposento estará em trevas.

Quem sofre por falta de Iluminação Interior deve conectar sua mente com os Centros Superiores de seu Ser.

Inquestionavelmente, precisamos estabelecer corretas relações não só com nosso Corpo Planetário (corpo físico), com o mundo exterior, mas também com cada uma das partes de nosso próprio Ser.

Os doentes, pessimistas e cansados de tantos médicos e remédios, já não desejam curar-se; os pacientes otimistas lutam por viver.

No Cassino do Monte Carlo, muitos milionários que perderam suas fortunas no jogo, suicidaram-se. Milhões de mães pobres, trabalham para sustentar seus filhos.

São incontáveis os aspirantes deprimidos que, por falta de poderes psíquicos e de Iluminação Íntima, renunciaram o trabalho esotérico sobre si mesmos. Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades.

Em tempos de rigorosa tentação, abatimento e desolação, devemos apelar à íntima recordação de nós mesmo.

No fundo de cada um de nós está a Tomantzin Asteca, a Stella Maris, a Ísis Egípcia, Deus-Mãe, aguardando-nos para sanar nosso dolorido coração.

Quando se dá, a si mesmo, o choque da “Lembrança de Si”, produz-se realmente uma transformação milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células recebem um alimento diferente.

Capítulo 24

A CANÇÃO PSICOLÓGICA

Chegou o momento de refletir muito seriamente sobre isso que se chama “consideração interna”.

Não há a menor dúvida sobre o aspecto desastroso da “auto-consideração íntima”; pois, além de hipnotizar a consciência, faz-nos perder muita energia.

Se a pessoa não cometesse o erro de identificar-se tanto consigo mesma, a auto-consideração interior seria algo mais que impossível.

Quando alguém se identifica consigo mesmo, se ama muito, sente pena de si próprio, se auto-considera, pensa que sempre se portou bem com fulano, com sicrano, com a mulher, com os filhos, etc., e que ninguém o valoriza, etc. Se considera um santo e todas as outras pessoas, uns malvados, uns patifes.

Uma das formas mais comuns de auto-consideração íntima é a preocupação pelo que os outros possam pensar sobre nós mesmos, talvez suponham que não somos honrados, sinceros, verídicos, valentes, etc.

O mais curioso de tudo isto é que ignoramos, infelizmente, a enorme perda de energia que este tipo de preocupações nos traz.

Muitas atitudes hostis com certas pessoas, que nenhum mal nos fazem, deve-se precisamente a tais preocupações, nascidas da auto-consideração íntima.

Nestas circunstâncias, querendo-se tanto a si mesmo, auto-considerando-se deste modo, é claro que o Eu, alias, os Eus, em vez de extinguirem-se, fortalecem-se espantosamente.

Identificadas consigo mesmas, as pessoas têm pena de sua própria situação e até põem-se a fazer contas.

Assim, é como pensamos que fulano, que sicrano, que o compadre, que a comadre, que o vizinho, que o patrão, que o amigo, etc... não lhe pagaram como se devia, apesar de toda a sua costumeira bondade e, engarrafado nisso, torna-se insuportável e aborrecedor para todo mundo.

Com um sujeito assim, praticamente não se pode falar, porque qualquer conversa, seguramente vai parar em seu livrinho de contas e em seus tão cacarejados sofrimentos.

Escrito está, que no trabalho esotérico Gnóstico, só é possível o crescimento anímico mediante o perdão aos outros.

Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior.

A Oração do Senhor diz: *“Perdoa nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”*.

O sentimento de que alguém nos deve, a dor pelos males que os outros nos causaram, etc., detém o progresso interior da Alma.

Jesus, o Grande Kabir, disse: *“Entra em acordo, sem demora, com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. Em verdade te digo, dali não sairás, antes de ter pago o último centavo”*. (Mateus, V, 25, 26).

Se nos devem, devemos; se exigimos que nos paguem até o último centavo, devemos pagar, antes, até o último centavo.

Esta é a “Lei do Talião”; “Olho por olho e dente por dente”. “Círculo vicioso”, absurdo.

As desculpas, a satisfação e as humilhações que aos outros exigimos, pelos males que nos causaram, também nos serão exigidas, ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar-se sob leis desnecessárias é absurdo, melhor é colocar-se sob novas influências.

A Lei da Misericórdia é uma influência mais elevada que a Lei do homem violento: *“Olho por olho, dente por dente”*.

É urgente, indispensável, inadiável, colocar-nos inteligentemente sob as influências maravilhosas do trabalho esotérico Gnóstico, esquecer que nos devem e eliminar de nossa psique qualquer forma de auto-consideração.

Jamais devemos admitir, dentro de nós, sentimentos de vingança, ressentimento, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram, violência, inveja, incessante recordação de dívidas, etc., etc., etc.

A Gnosis está destinada àqueles aspirantes sinceros, que verdadeiramente queiram trabalhar e mudar.

Se observarmos às pessoas, podemos evidenciar de forma direta que cada pessoa tem sua própria canção.

Cada um canta sua própria canção psicológica, quero referir-me de forma enfática, à essa questão das contas psicológicas, sentir que lhe devem, queixar-se, auto-considerar-se, etc.

Às vezes, a pessoa “canta sua canção, assim porque sim”, sem que se lhe dê corda, sem que respire e em outras ocasiões, depois de umas quantas taças de vinho...

Nós dizemos que nossa aborrecida canção deve ser eliminada, ela incapacita-nos interiormente, rouba-nos muita energia.

Em questões de Psicologia Revolucionária, alguém que canta muito bem - não nos referindo à formosa voz, nem ao canto físico - certamente não pode ir além de si mesmo, fica no passado.

Uma pessoa impedida por tristes canções, não pode mudar seu Nível de Ser; não pode ir além do que é. Para passar a um Nível Superior do Ser, é preciso deixar de ser o que é, necessitamos não ser o que somos.

Se continuamos sendo o que somos, nunca poderemos passar a um Nível Superior de Ser.

No terreno da vida prática acontecem coisas insólitas. Frequentemente, uma pessoa qualquer trava amizade com outra, só porque é fácil cantar sua canção para ela.

Infelizmente, esta classe de relações terminam quando se pede para o cantor que se cale, que mude o disco, que fale de outra coisa, etc.

Então o cantor ressentido, vai em busca de um novo amigo, de alguém que esteja disposto a lhe escutar por tempo indefinido.

Compreensão, exige o cantor. Alguém que o compreenda, como se fosse tão fácil compreender a outra pessoa.

Para compreender a outra pessoa, é preciso compreender-se a si mesmo. Infelizmente, o bom cantor acredita que compreende a si mesmo.

São muitos os cantores decepcionados, que cantam a canção de não ser compreendidos, e sonham com um mundo maravilhoso, onde eles são as figuras centrais.

Contudo, nem todos os cantores são públicos, existem também os reservados, não cantam sua canção diretamente, mais a cantam secretamente.

São pessoas que trabalharam muito, que sofreram muito, sentem-se defraudadas, pensam que a vida lhes deve tudo aquilo que nunca foram capazes de obter.

Comumente, sentem uma tristeza interior, uma sensação de monotonia e espantoso aborrecimento, cansaço íntimo ou frustração, na qual se amontoam os pensamentos.

Inquestionavelmente, as canções secretas nos fecham a passagem no caminho da Auto-realização íntima do Ser.

Desgraçadamente, tais canções interiores secretas passam despercebidas para nós mesmos, a menos que intencionalmente as observemos.

Obviamente, toda observação de si deixa penetrar a luz na própria pessoa, em suas profundidades íntimas.

Nenhuma mudança interior poderia ocorrer em nossa psique, a menos que fosse levada à luz da observação de si.

É indispensável observar a si mesmo, estando só, do mesmo modo que ao estar em relação com as pessoas.

Quando alguém está só, se apresentam “Eus” muito diferentes, outros pensamentos, emoções negativas, etc...

Nem sempre se está bem acompanhado quando se está só. É apenas normal, é muito natural, estar muito mal acompanhado em plena solidão. Os “Eus” mais negativos e perigosos se apresentam quando se está só.

Se queremos nos transformar radicalmente, precisamos sacrificar nossos próprios sofrimentos.

Muitas vezes expressamos nossos sofrimentos em canções articuladas ou inarticuladas.

Capítulo 25

RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é a sua vida. Se não modificar nada dentro de si mesmo, se não transformar radicalmente a sua vida, se não trabalhar sobre si mesmo, está perdendo seu tempo miseravelmente.

A morte é o regresso ao próprio começo de sua vida, com a possibilidade de repeti-la novamente.

Muito se disse na literatura Pseudo-Esotérica e Pseudo-Ocultista sobre o tema das vidas sucessivas; melhor é que nos ocupemos das existências sucessivas.

A vida de cada um de nós, com todos os seus tempos, é sempre a mesma, repetindo-se de existência em existência, através dos inumeráveis séculos.

Inquestionavelmente, continuamos na semente de nossos descendentes, isto é algo que já está demonstrado.

A vida de cada um de nós, em particular, é um filme vivente, que ao morrer levamos para eternidade.

Cada um de nós leva seu filme e o traz novamente, para projetá-lo outra vez na tela de uma nova existência.

A repetição de dramas, comédias e tragédias, é um axioma fundamental da Lei de Recorrência.

Em cada nova existência, repetem-se sempre as mesmas circunstâncias. Os atores de tais cenas, sempre repetidas, são essas pessoas que vivem dentro de nosso interior, os “Eus”.

Se desintegramos esses atores, esses “Eus” que originam as sempre repetidas cenas de nossa vida, então a repetição de tais circunstâncias se tornaria mais que impossível.

Obviamente, sem atores não pode haver cena; isto é irrefutável, irrefutável.

Assim é como podemos libertar-nos das Leis de Retorno e Recorrência, e assim, fazer-nos livres de verdade.

Obviamente, cada um dos personagens (Eus), que em nosso interior levamos, repete, de existência em existência, o mesmo papel; se o desintegrarmos, se o ator morrer, o papel conclui.

Refletindo seriamente sobre a Lei de Recorrência ou repetição de cenas em cada Retorno, descobrimos, por Auto-observação íntima, os mecanismos secretos desta questão.

Se na existência passada, na idade de 25 anos, tivemos uma aventura amorosa, é indubitável que o “Eu” de tal compromisso buscará a mulher de seus sonhos aos 25 anos da nova existência.

Se a mulher em questão só tinha 15 anos, o “Eu” de tal aventura buscará o seu amado na mesma idade na nova existência.

Resulta claro compreender que os dois “Eus”, tanto o dele quanto o dela, buscam-se telepaticamente e reencontram-se novamente, para repetir a mesma aventura amorosa da passada existência.

Dois inimigos que lutaram até a morte na passada existência, se buscarão outra vez, na nova existência, para repetir a sua tragédia na idade correspondente.

Se duas pessoas tiveram uma disputa por bens imóveis na idade de 40 anos na passada existência, na mesma idade se buscarão telepaticamente na nova existência, para repetir o mesmo.

Dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas cheias de compromissos, isso é irrefutável.

Um ladrão carrega em seu interior uma cova de ladrões, com diversos compromissos delituosos. O assassino, leva dentro de si mesmo, um “clube” de assassinos e o luxurioso, leva em sua psique, uma “Casa de Encontros”.

O grave de tudo isso, é que o intelecto ignora a existência de tais pessoas ou “Eus” dentro de si mesmo e também os compromissos que fatalmente vão se cumprindo.

Todos esses compromissos dos “Eus” que moram dentro de nós, sucedem-se por debaixo de nossa razão.

São fatos que ignoramos, coisas que nos sucedem, acontecimentos que se processam no subconsciente e no inconsciente.

Com justa razão foi-nos dito que tudo nos acontece, tal como quando chove ou quando troveja.

Realmente, temos a ilusão de fazer, porém nada fazemos, tudo nos acontece, isto é fatal, mecânico...

Nossa personalidade é tão somente o instrumento de diferentes pessoas (Eus), mediante o qual, cada uma dessas pessoas (Eus) cumpre seus compromissos.

Por baixo de nossa capacidade cognitiva, acontecem muitas coisas; desgraçadamente, ignoramos o que sucede por baixo de nossa pobre razão.

Consideramo-nos sábios, quando na verdade nem sequer sabemos que não sabemos. Somos míseros lenhos arrastados pelas embravecidas ondas do mar da existência.

Sair desta desgraça, desta inconsciência, do estado tão lamentável em que nos encontramos, só é possível morrendo em nós mesmos...

Como poderíamos despertar sem morrer previamente? Só com a morte advém o novo! Se o gérmen não morre a planta não nasce.

Quem desperta de verdade, adquire por tal motivo plena objetividade de sua consciência, iluminação autêntica, felicidade...

Capítulo 26

AUTO-CONSCIENCIA INFANTIL

Foi-nos dito muito, sabiamente, que temos noventa e sete por cento de Subconsciência e três por cento de Consciência.

Falando francamente e sem rodeios, diremos que os noventa e sete por cento da Essência que levamos em nosso interior, encontra-se engarrafada, embutida, colocada dentro de cada um dos “Eus” que em seu conjunto constituem o “Mim Mesmo”.

Obviamente, a Essência ou Consciência enfrascada dentro de cada Eu, processa-se em virtude de seu próprio condicionamento.

Qualquer Eu desintegrado libera determinada porcentagem de Consciência, a emancipação ou liberação da Essência ou Consciência, seria impossível sem a desintegração de cada Eu.

Quanto maior a quantidade de “Eus” desintegrados, maior Auto-consciência. Quanto menor a quantidade de “Eus” desintegrados, menor a porcentagem de Consciência desperta.

O despertar da Consciência só é possível dissolvendo o Eu, morrendo em si mesmo, aqui e agora.

Inquestionavelmente, enquanto a Essência ou Consciência esteja embutida dentro cada um dos “Eus” que carregamos em nosso interior, estará adormecida, em estado subconsciente.

É urgente transformar o subconsciente em consciente e isto só é possível aniquilando os “Eus”; morrendo em si mesmo.

Não é possível despertar sem haver morrido previamente em si mesmo. Quem tenta despertar primeiro para depois morrer, não possui experiência real do que afirma, segue resolutamente pelo caminho do erro.

As crianças recém-nascidas são maravilhosas, gozam de plena auto-consciência, encontram-se totalmente despertas.

Dentro do corpo de cada criança recém-nascida está reincorporada a Essência, e isso dá à criatura sua beleza.

Não queremos dizer que cem por cento da Essência ou Consciência esteja reincorporada no recém-nascido, mas sim os três por cento livre, que normalmente não estão engarrafados nos “Eus”.

Entretanto, essa porcentagem de Essência livre, reincorporada dentro do organismo das crianças recém-nascidas, lhes dá plena auto-consciência, lucidez, etc.

Os adultos vêem o recém-nascido com piedade, pensam que a criatura encontra-se inconsciente, mas se equivocam lamentavelmente.

O recém-nascido vê o adulto tal como em realidade é, inconsciente, cruel, perverso, etc.

Os “Eus” do recém-nascido vão e vêm, dão voltas ao redor do berço, querendo meter-se no novo corpo. Mas devido a que o recém-nascido ainda não fabricou a personalidade, toda tentativa dos “Eus” para entrar no novo corpo, resulta algo mais do que impossível.

Às vezes, as criaturas se espantam ao ver esses fantasmas ou “Eus” que se aproximam de seu berço e então gritam, choram, mas os adultos não entendem isso e supõem que a criança está doente ou que tem fome ou sede; tal é a inconsciência dos adultos.

À medida que a nova personalidade vai se formando, os “Eus” que vêm das existências anteriores, vão penetrando pouco a pouco no novo corpo.

Quando a totalidade dos “Eus” já se reincorporou, aparecemos no mundo com essa horrível feiura interior que nos caracteriza, então andamos como sonâmbulos por toda parte, sempre inconscientes, sempre perversos.

Quando morremos, três coisas vão ao sepulcro:

1) O corpo físico. 2) O fundo vital orgânico. 3) A personalidade.

O fundo vital, igual a um fantasma, vai desintegrando-se pouco a pouco, ante à cova sepulcral, à medida que o corpo físico vai desintegrando também.

A personalidade é subconsciente ou infraconsciente, entra e sai do sepulcro cada vez que quer, alegra-se quando os desconsolados lhes levam flores, ama seus familiares e vai se dissolvendo muito lentamente até converter-se em poeira cósmica.

Isso que continua mais além do sepulcro é o Ego, o Eu pluralizado, o mim mesmo, um montão de diabos dentro dos quais encontra-se enfrascada a Essência, a Consciência, que a seu tempo e a sua hora retorna, se reincorpora.

Resulta lamentável que ao fabricar a nova personalidade da criança, se reincorporem também os “Eus”.

Capítulo 27

O PUBLICANO E O FARISEU

Refletindo um pouco sobre as diversas circunstâncias da vida, bem vale à pena compreender seriamente as bases sobre as quais descansamos.

Uma pessoa descansa sobre sua posição, outra sobre o dinheiro, aquela sobre o prestígio, a outra sobre seu passado, ou sobre tal ou qual título, etc...

O mais curioso é que todos, sejam ricos ou mendigos, necessitamos de todos e vivemos de todos, embora estejamos inflados de orgulho e vaidade.

Pensemos por um momento no que nos possam tirar. Qual seria a nossa sorte em uma revolução de sangue e aguardente? Em que ficaríamos as bases sobre as quais descansamos? Pobre de nós! Cremo-nos muito fortes e somos espantosamente débeis!

O “Eu” que sente em si mesmo a base sobre a qual descansamos, deve ser dissolvido, se é que em realidade desejamos a autêntica bem-aventurança.

Tal “Eu” subestima as pessoas, sente-se melhor que todo mundo, mais perfeito em tudo, mais rico, mais inteligente, mais esperto na vida, etc.

Resulta oportuno citar agora aquela parábola de Jesus, o Grande Kabir, a respeito dos homens que oravam. Foi dito para os que confiavam em si mesmos como justos, e menosprezavam aos outros.

Jesus, o Cristo, disse: *“Dois homens subiram ao templo para orar, um era Fariseu e o outro Publicano. O Fariseu, de pé, orava consigo mesmo, desta maneira: Graças te dou, ó Deus, porque não sou como outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como o publicano, que está ali. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo o que ganho. Mas, o publicano, a uma certa distância, não ousava levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Deus, sê propício a mim, pecador’. Digo-vos que este voltou para casa justificado ante o outro; porque todo aquele que se exalta será humilhado e o que se humilha, será exaltado”.* (Lucas XVIII, 10-14).

Começar a perceber a própria nulidade e miséria em que nos encontramos, é absolutamente impossível enquanto exista em nós esse conceito do “Mais”. Exemplos: Eu sou mais justo que aquele,

mais sábio que fulano, mais virtuoso que sicrano, mais rico, mais esperto nas coisas da vida, mais cumpridor dos deveres, etc...

Não é possível passar através do buraco de uma agulha enquanto sejamos “ricos”, enquanto exista em nós esse complexo do “Mais”.

“É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus”.

Isso de que minha escola é a melhor e que a do próximo não serve, isso de que minha Religião é a única verdadeira e que todas as demais são falsas e perversas; isso de que a mulher de fulano é uma péssima esposa e de que a minha é uma Santa; isso de que meu amigo Roberto é um bêbado e que eu sou um homem muito judicioso e abstinente, etc... é o que nos faz sentir ricos, motivo pelo qual todos somos os “camelos” da parábola bíblica, com relação ao trabalho esotérico.

É urgente auto-observar-nos de momento em momento, com o propósito de conhecer claramente os fundamentos sobre os quais descansamos.

Quando a pessoa descobre aquilo que mais a ofende em um dado instante, o incômodo que lhe deram por tal ou qual coisa, então descobre as bases sobre as quais descansa psicologicamente.

Tais bases constituem, segundo o Evangelho Cristão, “a areia sobre a qual edificou sua casa”.

É necessário anotar cuidadosamente como e quando desprezou os outros, sentindo-se superior, talvez devido ao título ou à posição social, ou à experiência adquirida ou ao dinheiro, etc...

É grave sentir-se rico, superior a fulano ou a sicrano por tal ou qual motivo. Gente assim não pode entrar no Reino dos Céus.

É bom descobrir em que se sente lisonjeado, em que é satisfeita a sua vaidade, isto nos mostrará os fundamentos sobre os quais nos apoiamos.

Entretanto, tal classe de observação não deve ser questão meramente teórica, devemos ser práticos e nos observar cuidadosamente de forma direta, de instante em instante.

Quando a pessoa começa a compreender sua própria miséria e nulidade, quando abandona os delírios de grandeza, quando compreende quão néscios são tantos títulos, honras e vãs superioridades sobre nossos semelhantes, é sinal inequívoco de que já começa a mudar.

A pessoa não pode mudar, enquanto esteja aferrada a isso que diz: “Minha casa”, “Meu dinheiro”, “Minhas propriedades”, “Meu emprego”, “Minhas virtudes”, “Minhas capacidades intelectuais”, “Minhas capacidades artísticas”, “Meus conhecimentos”, “Meu prestígio”, etc...

Isso de aferrar-se ao “Meu”, a “Mim”, é mais que suficiente para impedir-nos de reconhecer nossa nulidade e miséria interior.

Qualquer um assombra-se diante do espetáculo de um incêndio ou de um naufrágio. As pessoas desesperadas apoderam-se, muitas vezes, de coisas que causam risos, coisas sem importância.

Pobre gente! Sentem-se nessas coisas! descansam em tolices, apegam-se a isso que não tem a menor importância.

Sentir a si mesmo por meio das coisas exteriores, fundamentar-se nelas, equivale a estar em estado de absoluta inconsciência

O sentimento de “Seidade”, (O Ser Real), só é possível dissolvendo a todos esses “Eus” que em nosso interior levamos; senão, tal sentimento é impossível.

Desgraçadamente, os adoradores do “Eu” não aceitam isto; eles creem-se Deuses, pensam que já possuem esses “Corpos Gloriosos” de que falara Paulo de Tarso, supõem que o “Eu” é Divino e não há quem lhes tire esses absurdos da cabeça.

Não se sabe o que fazer com tais pessoas, explica-lhes e não entendem; sempre obstinadas nas areais sobre as quais edificaram sua casa; sempre metidos em seus dogmas, caprichos e necessidades.

Se essas pessoas se auto-observassem seriamente, verificariam por si mesmas a doutrina dos muitos, descobririam dentro de si toda essa multiplicidade de pessoas ou “Eus” que vivem em nosso interior.

Como poderia existir em nós o real sentimento de nosso verdadeiro Ser, quando esses “Eus” estão sentindo por nós, pensando por nós?

O mais grave de toda esta tragédia é que alguém pensa que está pensando, sente que está sentindo, quando, em realidade, é outro que em um dado momento pensa com nosso martirizado cérebro e sente com nosso dolorido coração.

Infelizes de nós! Quantas vezes cremos estar amando, e o que acontece é que outro dentro de nós mesmos, dentro de si mesmo, cheio de luxúria, utiliza o centro do coração.

Somos uns desventurados, confundimos a paixão animal com o amor! E entretanto, é outro dentro de nós mesmos, dentro de nossa personalidade, quem passa por tais confusões.

Todos pensamos que jamais pronunciaríamos aquelas palavras do Fariseu na parábola bíblica: *“Deus, te dou graças porque não sou como os outros homens”*, etc...

Entretanto, e embora pareça incrível, procedemos assim diariamente. O vendedor de carne no mercado diz: *“Eu não sou como os outros açougueiros que vendem carne de má qualidade e exploram as pessoas”*.

O vendedor de tecidos na loja exclama: *“Eu não sou como os outros comerciantes, que sabem roubar ao medir e que se enriqueceram”*.

O vendedor de leite afirma: *“Eu não sou como os outros vendedores de leite que misturam água. Gosto de ser honrado”*.

A senhora de casa comenta para a visita, o seguinte: *“Eu não sou como fulana, que anda com outros homens, Graças a Deus sou uma pessoa decente e fiel a meu marido”*.

Conclusão: Os demais são malvados, injustos, adúlteros, ladrões e perversos e cada um de nós uma mansa ovelha, um “Santinho de Chocolate”, bom para servir de menino de ouro em alguma igreja.

Quão néscios somos! Pensamos, frequentemente, que nunca fazemos essas tolices e perversidades que vemos os outros fazerem e, por tal motivo, chegamos à conclusão de que somos pessoas magníficas. Desgraçadamente, não vemos as tolices e mesquinharias que fazemos.

Existem estranhos momentos na vida, em que a mente repousa, sem preocupações de espécie alguma. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, então advém o novo.

Em tais instantes é possível ver as bases, os fundamentos, sobre os quais descansamos.

Estando a mente em profundo repouso interior, podemos verificar por nós mesmos a crua realidade dessa areia da vida, sobre a qual edificamos a casa. (Veja-se Mateus 7 - versículos 24-25-26-27-28-29; parábola que trata dos dois alicerces).

Capítulo 28

A VONTADE

A “Grande Obra” é, acima de tudo, a criação do homem por si mesmo, a base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

A “Grande Obra” é a conquista interior de si mesmo, de nossa verdadeira liberdade em Deus.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, desintegrar todos esses “Eus” que vivem em nosso interior, se é que em realidade queremos a emancipação perfeita da Vontade.

Nicolas Flamel e Raimundo Lúlio, ambos pobres, liberaram sua vontade e realizaram inumeráveis prodígios psicológicos que assombam.

Agripa não chegou mais que à primeira parte da “Grande Obra” e morreu penosamente, lutando na desintegração de seus “Eus”, com o propósito de possuir a si mesmo e fixar sua independência.

A emancipação perfeita da vontade assegura ao sábio o império absoluto sobre o Fogo, o Ar, a Água e a Terra.

A muitos estudantes de psicologia contemporânea parecerá exagerado o que em parágrafos acima afirmamos, com relação ao poder soberano da vontade emancipada; entretanto, a Bíblia fala-nos maravilhas sobre o Moisés.

Segundo Filon, Moisés era um Iniciado nas terras dos Faraós, às margens do Nilo, Sacerdote do Osíris, primo do Faraó, educado entre as colunas de Ísis, a Mãe Divina, e de Osíris, nosso Pai que está em segredo.

Moisés, era descendente do Patriarca Abraão, o grande Mago Caldeu, e do muito respeitado Isaac.

Moisés, o homem que libertou o poder elétrico da vontade, possui o dom dos prodígios; isso sabem, os Divinos e os humanos. Assim está escrito.

Tudo o que as Sagradas Escrituras dizem sobre esse caudilho hebreu, é certamente extraordinário, prodigioso.

Moisés transforma seu bastão em serpente, transforma uma de suas mãos em mão de leproso, e logo lhe devolve a vida.

Aquela prova da sarça ardente colocou bem claro seu poder, as pessoas compreenderam, ajoelharam-se e prosternaram-se.

Moisés utiliza uma Vara Mágica, emblema do poder sacerdotal do Iniciado nos Grandes Mistérios da Vida e da Morte.

Diante do Faraó, Moisés transforma a água do Nilo em sangue, os peixes morrem, o rio sagrado fica infectado, os egípcios não podem beber dele, e as irrigações do Nilo derramam sangue pelos campos.

Moisés faz mais, obtém que apareçam milhões de rãs desproporcionadas, gigantescas, monstruosas, que saem do rio e invadem as casas. Logo, ao seu gesto, indicador de uma vontade livre e soberana, aquelas rãs horríveis desaparecem.

Mas, como o Faraó não liberta os israelitas, Moisés opera novos prodígios; cobre a terra de sujeira, suscita nuvens de moscas asquerosas e imundas, que depois se dá ao luxo de afastar. Desencadeia a espantosa peste, e todos os rebanhos - exceto o dos judeus - morrem.

Colhendo fuligem do forno, dizem as Sagradas Escrituras, atira-a ao ar, e, caindo sobre os egípcios, causa-lhes pústulas e úlceras.

Levantando seu famoso bastão Mágico, Moisés faz chover granizo do céu, que de forma inclemente destrói e mata. Logo faz estalar o raio flamífero, retumba o trovão aterrador e chove espantosamente. Logo, com um gesto, devolve a calma.

Entretanto, o Faraó continua inflexível. Moisés, com um golpe tremendo de sua vara mágica, faz surgir, como por encanto, nuvens de gafanhotos. Então, vem as trevas. Outro golpe com a vara e tudo retorna à ordem original.

O final de todo aquele Drama Bíblico do Antigo Testamento é muito conhecido: intervém Jehová, faz morrer a todos os primogênitos dos egípcios e, ao faraó, não resta mais remédio do que deixar os hebreus irem.

Posteriormente, Moisés serve-se de sua vara mágica para abrir as águas do Mar Vermelho e a atravessa a pé, a seco.

Quando os guerreiros egípcios se precipitam por ali, perseguindo os israelitas, Moisés, com um gesto, faz com que as águas voltem a se fechar, tragando os perseguidores.

Inquestionavelmente, muitos Pseudo-Ocultistas ao lerem tudo isto gostariam de fazer o mesmo, ter os mesmos poderes de Moisés. Entretanto, isto é algo mais que impossível enquanto a Vontade continue engarrafada entre todos e cada um desses “Eus” que carregamos nos diferentes transfundos de nossa psique.

A Essência, enfrascada dentro do “Mim Mesmo”, é o Gênio da Lâmpada de Aladim, desejando liberdade... Livre, tal Gênio, pode-se realizar prodígios.

A Essência é “Vontade-Consciência”, desgraçadamente processando-se em virtude de nosso próprio condicionamento.

Quando a Vontade se libera, mescla-se ou funde-se, integrando-se assim, com a Vontade Universal, fazendo-se por isso soberana.

A Vontade individual, integrada com a Vontade Universal, pode realizar todos os prodígios de Moisés.

Existem três tipos de ações:

a) Aquelas que correspondem à Lei dos acidentes.

b) Aquelas que pertencem à Lei de Recorrência, fatos sempre repetidos a cada existência.

c) Aquelas determinadas intencionalmente pela Vontade-Consciente.

Inquestionavelmente, só aqueles que libertaram a sua Vontade, mediante a morte do “Mim Mesmo”, poderão realizar atos novos, nascidos de seu livre arbítrio.

Os atos comuns e correntes da humanidade são sempre o resultado da Lei de Recorrência ou do mero produto de acidentes mecânicos.

Quem possui Vontade livre de verdade pode originar novas circunstâncias; quem tem sua Vontade engarrafada dentro do “Eu Pluralizado”, é vítima das circunstâncias.

Em todas as páginas bíblicas, existem relatos maravilhosos de Alta Magia, vidência, profecia, Prodígios, transfigurações, ressurreição de mortos, seja por insuflação, imposição de mãos ou pelo olhar fixo sobre a raiz do nariz, etc...

Abunda, na Bíblia, a massagem, o óleo sagrado, os passes magnéticos, a leitura do pensamento alheio, os transportes, as aparições, as palavras vindas do céu, etc..., verdadeiras maravilhas da Vontade Consciente liberada, emancipada, soberana.

Bruxos? Feiticeiros? Magos Negros? Abundam como a erva daninha; porém esses não são Santos, nem Profetas, nem Adeptos da Irmandade Branca.

Ninguém poderia chegar à “Iluminação Real”, nem exercer o Sacerdócio Absoluto da Vontade-Consciente, se previamente não houvesse morrido radicalmente em si mesmo, aqui e agora.

Muitas pessoas escrevem-nos frequentemente, queixando-se de não possuir a Iluminação, pedindo poderes, exigindo chaves que os converta em Magos, etc... porém, nunca se interessam por auto-observar-se, auto-conhecer-se, desintegrar esses agregados psíquicos, esses “Eus” dentro dos quais se encontra enfrascada a Vontade, a Essência.

Pessoas assim, obviamente, estão condenadas ao fracasso. São pessoas que cobiçam as faculdades dos Santos, mas que de maneira nenhuma estão dispostas a morrer em si mesmas.

Eliminar erros é algo mágico, maravilhoso por si só, que implica rigorosa Auto-observação psicológica.

Exercer poderes é possível quando se libera radicalmente o poder maravilhoso da Vontade.

Infelizmente, como as pessoas têm a vontade enfrascada dentro de cada “Eu”, obviamente esta se encontra dividida em múltiplas vontades, que se processam cada uma em virtude de seu próprio condicionamento.

Resulta claro compreender, que cada “Eu”, por qualquer motivo, possui sua vontade inconsciente, particular.

As inumeráveis vontades enfrascadas dentro dos “Eus”, frequentemente chocam-se entre si, fazendo-nos, por este motivo impotentes, débeis, miseráveis, vítimas das circunstâncias, incapazes.

Capítulo 29

A DECAPITAÇÃO

À medida que a pessoa trabalha sobre si mesma, vai compreendendo, cada vez mais e mais, a necessidade de eliminar radicalmente de sua natureza interior, tudo isso que nos faz tão abomináveis.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os fatos mais difíceis, resultam sempre maravilhosos para o auto-descobrimiento íntimo.

Nesses momentos insuspeitados, críticos, afloram sempre e quando menos o pensamos, os “Eus” mais secretos. Se estamos alertas, inquestionavelmente os descobrimos.

As épocas mais tranquilas da vida são precisamente as menos favoráveis para o trabalho sobre si mesmo.

Existem momentos da vida muito complicados, em que a pessoa tem a marcada tendência a identificar-se facilmente com os eventos e esquecer-se completamente de si mesmo. Nesses instantes, a pessoa faz bobagens que a nada conduzem; se estivesse alerta, se nesses momentos, em vez de perder a cabeça, recorda-se de si mesmo, descobriria com assombro certos “Eus” dos quais jamais teve a mínima suspeita de sua possível existência.

O sentido da Auto-observação íntima, encontra-se atrofiado em todo ser humano. Trabalhando seriamente, auto-observando-se de momento a momento, este sentido se desenvolverá de forma progressiva.

À medida que o sentido da Auto-observação prossiga seu desenvolvimento mediante o uso contínuo, iremos fazendo-nos cada vez mais capazes de perceber, de forma direta, aqueles “Eus” sobre os quais jamais tivemos dado algum, relativo a sua existência. Diante do sentido de Auto-observação íntima cada um dos “Eus” que habitam em nosso interior, assumem realmente esta ou aquela figura, secretamente afim, com o defeito personificado. Indubitavelmente, a imagem de cada um desses “Eus” tem certo sabor psicológico inconfundível, mediante o qual apreendemos, capturamos, camuflamos, instintivamente sua natureza íntima, e o defeito que o caracteriza.

Em princípio, o esoterista não sabe por onde começar, sente a necessidade de trabalhar sobre si mesmo mas se encontra completamente desorientado.

Aproveitando os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os instantes mais adversos, se estamos alertas, descobrimos os defeitos que se sobressaem, os “Eus” que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes, pode-se começar pela ira ou pelo amor-próprio, ou pelo infeliz instante de luxúria, etc...

É necessário anotar todos os nossos estados psicológicos diários, se é que de verdade queremos uma mudança definitiva.

Antes de deitarmos, convém que examinemos os fatos ocorridos no dia, as situações embaraçosas, a gargalhada estrondosa de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates.

Pode ser que tenhamos ferido a alguém com uma gargalhada, pode ser que tenhamos adoecido a alguém com um sorriso ou com um olhar inadequado.

Recordemos que, no esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu lugar e mau é tudo o que está fora do lugar.

A água em seu lugar é boa, mas se inundasse toda a casa estaria fora do lugar, causaria danos, seria má e prejudicial.

O fogo na cozinha está em seu lugar, além de ser útil é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude por Santa que seja, em seu lugar é boa, fora de seu lugar é má e prejudicial. Com as virtudes podemos prejudicar a outros. É indispensável colocar as virtudes em seu lugar correspondente.

Que diríeis de um sacerdote que estivesse pregando a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? Que diríeis de um varão manso e tolerante que estivesse abençoando uma quadrilha de assaltantes que tentassem violar a mulher e suas filhas? Que diríeis dessa classe de tolerância levada a excesso? Que pensaríeis sobre a atitude caritativa de um homem que em vez de levar comida a sua casa, repartisse o dinheiro entre mendicantes do vício? Que opinaríeis sobre o homem serviçal que em um dado instante, emprestasse uma adaga a um assassino?

Recordai, querido leitor, que entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos.

Embora pareça incrível, dentro do próprio perfume da prece também esconde-se o delito.

O delito disfarça-se de santo, usa as melhores virtudes, apresenta-se como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da Auto-observação íntima desenvolve-se em nós, mediante o uso contínuo, poderemos observar todos esses “Eus” que servem de fundamento básico ao nosso temperamento individual, seja este último, sanguíneo ou nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que você não o creia, querido leitor, atrás do temperamento que possuímos, esconde-se, entre as mais remotas profundidades de nossa psique, as criações diabólicas mais execráveis.

Ver tais criações, observar essas monstruosidades do inferno dentro das quais acha-se engarrafada nossa própria consciência, faz-se possível com o desenvolvimento sempre progressivo do sentido de Auto-observação íntima.

Enquanto um homem não tenha dissolvido essas criações do inferno, essas aberrações de si mesmo, indubitavelmente, no mais profundo, continuará sendo algo que não devia existir, uma deformidade, uma abominação.

O mais grave de tudo isto, é que o abominável não percebe a sua própria abominação, crê-se belo, justo, boa pessoa, e até queixa-se da incompreensão dos demais, lamenta a ingratidão de seus semelhantes, diz que não o entendem, chora afirmando que lhe devem, que lhe pagaram com moeda negra, etc...

O sentido da Auto-observação íntima permite-nos verificar por nós mesmos e de forma direta, o trabalho secreto, mediante o qual, em dado tempo estamos dissolvendo tal ou qual Eu (tal ou qual defeito psicológico), possivelmente descoberto em condições difíceis e quando menos o suspeitávamos.

Haveis pensado, alguma vez na vida, sobre o que mais o agrada ou desagrada? Haveis refletido sobre os mecanismos secretos da ação? Por que quereis ter uma bela casa? Por que desejais ter um carro último modelo? Por que quereis estar sempre na última moda? Por que cobiçais não ser cobiçoso? O que mais vos ofendeu em um dado

momento? O que mais vos lisonjeou ontem? Por que vos sentistes superior a fulano ou a fulana de tal, em determinado instante? A que hora vos sentistes superior a alguém? Por que vos orgulhastes ao relatar vossos triunfos? Não pudestes calar quando murmuravam de outra pessoa conhecida? Recebestes o copo de bebida por cortesia? Aceitastes fumar talvez não tendo o vício, possivelmente pelo conceito de educação ou de dignidade? Estais seguro de ter sido sincero naquela conversa? E quando justificais a vós mesmos, e quando elogiáis a vós mesmos, e quando contais vossos triunfos e os relatais, repetindo o que antes dissestes aos demais, compreendeis que sois vaidoso?

O sentido da Auto-observação íntima além de vos permitir ver claramente o Eu que estais dissolvendo, permitirá também ver os resultados patéticos e definidos de teu trabalho interior.

Em princípio, estas criações do inferno, estas aberrações psíquicas que desgraçadamente o caracterizam, são mais feias e monstruosas que as bestas mais horrendas que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais profundas da terra. Conforme avancem em seu trabalho, podem evidenciar, mediante o sentido de Auto-observação interior, o fato evidente de que aquelas abominações vão perdendo volume e vão diminuindo...

É interessante saber que tais bestialidades, conforme decrescem em tamanho, conforme percam volume e diminuam, ganham em beleza, assumem lentamente a figura infantil; por último, desintegram-se, convertem-se em poeira cósmica. Então a Essência enfrascada, libera-se, emancipa-se, desperta.

Indubitavelmente, a mente não pode alterar fundamentalmente nenhum defeito psicológico. Obviamente, o entendimento pode se dar ao luxo de rotular um defeito com tal ou qual nome, de justificá-lo, de passá-lo de um nível a outro, etc., mas não poderia, por si próprio aniquilá-lo, desintegrá-lo.

Necessitamos, urgentemente, de um poder flamígero superior a mente, de um poder que seja por si mesmo capaz de reduzir a poeira cósmica, tal ou qual defeito psicológico.

Afortunadamente, existe em nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o nome misterioso de Stella Maris, a Virgem do Mar, o Azoé da Ciência do Hermes, a Tonantzim do México Asteca, essa derivação de nosso

próprio Ser Íntimo, Deus Mãe em nosso interior, simbolizado sempre com a Serpente Sagrada dos Grandes Mistérios.

Se, depois de haver observado e compreendido profundamente tal ou qual defeito psicológico (tal ou qual Eu), suplicamos a nossa Mãe Cósmica particular, pois cada um de nós tem a sua própria, que desintegre, reduza a poeira cósmica, este ou aquele defeito, aquele Eu, motivo de nosso trabalho interior, podemos estar seguros de que o defeito perderá volume e irá se pulverizando lentamente.

Tudo isto implica, naturalmente, sucessivos trabalhos profundos, sempre contínuos, pois nenhum Eu, jamais pode ser desintegrado instantaneamente. O sentido da Auto-observação íntima poderá ver o avanço progressivo do trabalho relacionado com a abominação que nos interesse verdadeiramente desintegrar.

Stella Maris, embora pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana.

Obviamente, Stella Maris tem o poder efetivo para desintegrar as aberrações que em nosso interior psicológico carregamos.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida a reflexão, não seria possível nenhuma mudança psicológica radical, se antes não passássemos pela decapitação.

Nosso próprio ser derivado, Tonantzim, Stella Maris, como potência elétrica desconhecida para a humanidade inteira e que se acha latente no fundo de nossa psique, ostensivamente goza do poder que nos permite decapitar a qualquer Eu antes da desintegração final.

Stella Maris é esse fogo filosofal que se encontra latente em toda matéria orgânica e inorgânica.

Os impulsos psicológicos podem provocar a ação intensiva de tal fogo e então a decapitação se faz possível.

Alguns “Eus” costumam ser decapitados no começo do trabalho psicológico, outros no meio e os últimos ao final. Stella Maris, como potência ígnea sexual, tem consciência do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não se tenha produzido a desintegração de todas estas abominações psicológicas, de todas estas lascívia, de todas estas maldições, roubo, inveja, adultério secreto ou manifesto, ambição de dinheiro ou de poderes psíquicos, etc., ainda quando nos cremos pessoas honoráveis, cumpridoras da palavra, sinceras, corteses, caridosas, formosas no interior, etc., obviamente não passaremos de

ser mais que sepulcros pintados de branco, belos por fora, mas por dentro cheios de asquerosa podridão.

A erudição livresca, a pseudo-sapiência, a informação completa sobre as sagradas escrituras, sejam estas do oriente ou do ocidente, do norte ou do sul, o pseudo-ocultismo, o pseudo-esoterismo, a absoluta segurança de estar bem documentados, o sectarismo intransigente com pleno convencimento, etc., de nada serve porque, no fundo, em realidade, só existe isso que ignoramos, criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem por detrás da cara bonita, depois do rosto venerável, sob a roupagem muito santa do líder sagrado, etc.

Temos que ser sinceros com nós mesmos, perguntar-nos o que é que queremos, se viemos ao Ensino gnóstico por mera curiosidade; se não é realmente passar pela decapitação o que estamos desejando, então estamos enganando a nós mesmos, estamos defendendo nossa própria podridão, estamos procedendo de maneira hipócrita.

Nas escolas mais veneráveis da sapiência esotérica e do ocultismo, existem muitos equivocados sinceros que de verdade querem Auto-realizar-se, mas não estão dedicados à desintegração de suas abominações interiores.

São muitas as pessoas que supõem que, mediante as boas intenções, é possível chegar à santificação. Obviamente, enquanto não se trabalhe com intensidade sobre esses “Eus” que carregamos em nosso interior, eles continuarão existindo sob o fundo de nosso olhar piedoso e da boa conduta.

Chegou a hora de saber que somos uns malvados disfarçados com a túnica da santidade; lobo com pele de ovelhas, canibais vestidos com trajes de cavalheiro; verdugos escondidos atrás do signo sagrado da cruz, etc.

Por muito majestosos que apareçamos dentro de nossos templos, ou dentro de nossas escolas de luz e de harmonia, por muito serenos e doces que sejamos vistos por nossos semelhantes, por muito reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa psique, continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Em Psicologia Revolucionária, faz-se evidente a necessidade de uma transformação radical e esta só é possível declarando guerra de morte a nós mesmos, desumana e cruel.

Certamente, todos nós não valemos nada, somos, cada um de nós, desgraça da terra, o execrável.

Felizmente João Batista nos ensinou o caminho secreto: Morrer em Si Mesmos mediante a Decapitação Psicológica.

Capítulo 30

O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE

Não existindo uma verdadeira individualidade, é impossível que haja continuidade de propósitos.

Se não existe o indivíduo psicológico, se em cada um de nós vivem muitas pessoas, se não haver sujeito responsável, seria absurdo exigir de alguém continuidade de propósitos.

Bem sabemos que dentro de uma pessoa vivem muitas pessoas, então o pleno sentido da responsabilidade inexistente não existe realmente em nós.

O que um determinado Eu afirma em um dado instante, não pode ter seriedade alguma, devido ao fato concreto de que qualquer outro Eu pode afirmar exatamente o contrário, em qualquer outro momento.

O grave disso tudo é que muitas pessoas crêem possuir o sentido da responsabilidade moral e se auto-enganam, afirmando ser sempre as mesmas.

Há pessoas, que em qualquer instante de sua existência, vêm aos estudos Gnósticos, resplandecem com a força do anelo, entusiasmam-se com o trabalho esotérico e até juram consagrar a totalidade de sua existência a essas questões.

Inquestionavelmente, todos os irmãos de nosso movimento chegam até admirar a um entusiasta assim.

Não se pode deixar de sentir grande alegria ao escutar pessoas deste tipo, tão devotas e definitivamente sinceras.

Entretanto o idílio não dura muito tempo, qualquer dia por tal ou qual motivo, justo ou injusto, simples ou complicado, a pessoa retira-se da Gnosis, então abandona o trabalho e, para consertar o erro, ou tratando de justificar-se a si mesma, filia-se a qualquer outra organização mística e pensa que agora vai melhor.

Todo este ir e vir, este mudar incessante de escolas, seitas, religiões, deve-se a multiplicidade de “Eus” que em nosso interior lutam entre si, por sua própria supremacia.

Considerando que cada Eu possui seu próprio critério, sua própria mente, suas próprias idéias, é apenas normal essa troca de opiniões, esse borboletear constante de organização em organização, de ideal em ideal, etc.

O sujeito em si, não é mais que uma máquina, que tanto serve de veículo a um Eu como a outro.

Alguns “Eus” místicos auto-enganam-se, e depois de abandonarem tal ou qual seita, resolvem crer-se Deuses, brilham como luzes fátuas e por último desaparecem.

Há pessoas que por um momento chegam ao trabalho esotérico e logo no instante em que outro Eu intervém, abandonam definitivamente esses estudos e deixam-se tragar pela vida.

Obviamente, se uma pessoa não luta contra a vida, esta o devora e são raros os aspirantes que de verdade não se deixam tragar pela vida.

Existindo dentro de nós uma multiplicidade de “Eus”, o centro de gravidade permanente não pode existir.

É apenas normal que nem todos os sujeitos Auto-realizem-se intimamente. Bem sabemos que a Auto-realização íntima do Ser exige continuidade de propósitos, e considerando que é muito difícil encontrar alguém que tenha um centro de gravidade permanente, então não é estranho que seja muito raro a pessoa que chegue à Auto-realização interior profunda.

O normal é que alguém se entusiasme pelo trabalho esotérico e em pouco tempo o abandone; raro é alguém não abandonar o trabalho e chegar ao objetivo.

Certamente, e em nome da verdade, afirmamos que o Sol está fazendo um experimento de laboratório muito complicado e terrivelmente difícil.

Dentro do animal intelectual equivocadamente chamado homem, existem germens que, convenientemente desenvolvidos, podem converter-se em homens solares.

Entretanto, não é demais esclarecer, que não há certeza que esses germens desenvolvam-se; o comum é que se degenerem e se percam lamentavelmente.

Em todo caso, esses germens, que têm que converter-nos em homens solares, necessitam, para isso, de um ambiente adequado, pois bem sabemos que a semente em um meio estéril não germina, perde-se.

Para que a semente real do homem, depositada em nossas glândulas sexuais possa germinar, necessita-se continuidade de propósitos e corpo físico normal.

Se os cientistas continuam fazendo experimentos com a glândulas de secreção interna, qualquer possibilidade de desenvolvimento dos mencionados germens poderá vir a perder-se.

Embora pareça incrível, as formigas passaram já por um processo similar, em um remoto passado arcaico de nosso planeta Terra.

Enchemo-nos de assombro ao contemplarmos a perfeição de um palácio de formigas. Não há dúvida de que a ordem estabelecida em qualquer formigueiro é formidável.

Aqueles Iniciados que despertaram consciência sabem, por experiência mística direta, que as formigas, em tempos que nem remotamente suspeitam os maiores historiadores do mundo, foram uma raça humana que criou uma poderosíssima civilização socialista.

Os ditadores desta civilização eliminaram as diversas seitas religiosas e o livre-arbítrio, pois tudo isso lhes tirava o poder e eles precisavam ser totalitários no sentido mais completo da palavra.

Nessas condições, eliminada a iniciativa individual e o direito religioso, o animal intelectual precipitou-se pelo caminho da involução e degeneração.

A tudo isso, acrescentaram-se os experimentos científicos: transplantes de órgãos, glândulas, ensaios com hormônios, etc... cujo resultado foi a diminuição gradual e a alteração morfológica daqueles organismos humanos até converterem-se, finalmente, nas formigas que conhecemos.

Toda aquela civilização, todos esses movimentos relacionados com a ordem social estabelecida, tornaram-se mecânicos e foram herdados de pais para filhos; hoje enchemo-nos de assombro ao ver um formigueiro, mas não podemos deixar de lamentar sua falta de inteligência.

Se não trabalharmos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos espantosamente.

O experimento que o Sol está fazendo no laboratório da natureza, certamente além de ser difícil, tem dado poucos resultados.

Criar homens solares, só é possível quando existe verdadeira cooperação em cada um de nós.

Não é possível a criação do homem solar se não estabelecermos antes um centro de gravidade permanente em nosso interior.

Como poderíamos ter continuidade de propósitos se não estabelecemos em nossa psique o centro de gravidade?

Qualquer raça criada pelo Sol não tem outro objetivo na natureza, senão o de servir aos interesses desta criação e ao experimento solar.

Se o Sol fracassar em seu experimento, perde todo o interesse por uma raça e esta fica de fato condenada à destruição e à involução.

Cada uma das raças que existiram sobre a face da Terra serviram para o experimento solar. De cada raça obteve o Sol alguns triunfos, colhendo pequenos grupos de homens solares.

Quando uma raça já deu seus frutos, desaparece de forma progressiva ou perece violentamente mediante grandes catástrofes.

A criação de homens solares é possível quando se luta por independêr-se das forças lunares. Não há dúvida de que todos esses “Eus” que levamos em nossa psique, são de tipo exclusivamente lunar.

Seria impossível liberar-nos da força lunar se não estabelecemos previamente em nós um centro de gravidade permanente.

Como poderíamos dissolver a totalidade do Eu pluralizado se não temos continuidade de propósitos? De que maneira poderíamos ter continuidade de propósitos, sem ter estabelecido previamente em nossa psique um centro de gravidade permanente?

Assim que a raça atual, em vez de tornar-se independente da influência lunar, perdeu todo o interesse pela inteligência solar. Inquestionavelmente, condenou a si mesma à involução e à degeneração.

Não é possível que o homem verdadeiro surja mediante a mecânica evolutiva. Bem sabemos que a evolução e sua irmã gêmea a involução, são tão somente duas leis que constituem o eixo mecânico de toda a natureza. Evolui-se até certo ponto perfeitamente definido e logo vem o processo involutivo; a toda ascensão precede uma baixada e vice-versa.

Nós somos exclusivamente máquinas controladas por diferentes “Eus”. Servimos à economia da natureza, não temos uma individualidade definida, como supõem, equivocadamente, muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

Necessitamos mudar, com urgência máxima, a fim de que os germens do homem dêem seus frutos.

Só trabalhando sobre nós mesmos, com verdadeira continuidade de propósitos e sentido completo de responsabilidade moral, podemos converter-nos em homens solares. Isto implica em consagrarmos a

totalidade de nossa existência ao trabalho esotérico sobre nós mesmos.

Aqueles que têm esperança em chegar ao estado solar mediante a mecânica da evolução, enganam-se a si mesmos, e de fato, condenam-se à degeneração involutiva.

No trabalho esotérico, não podemos dar-nos ao luxo da versatilidade! Esses que têm idéias volúveis, esses que hoje trabalham sobre sua psique e amanhã deixam-se tragar pela vida, esses que procuram evasivas, justificativas para abandonar o trabalho esotérico, degenerarão e involuirão.

Alguns postergam o erro, deixam tudo para amanhã, enquanto melhoram sua situação econômica, sem levar em consideração, que o experimento solar é algo bem diferente de seu critério pessoal e seus costumeiros projetos.

Não é fácil converter-se em homem solar quando carregamos a lua em nosso interior. (O Ego é lunar).

A Terra tem duas luas; a segunda é chamada Lilith e encontra-se um pouco mais distante que a lua branca.

Os astrônomos costumam ver Lilith como uma lentilha, pois é muito pequena. Essa é a Lua Negra.

As forças mais sinistras do Ego chegam à Terra desde Lilith e produzem resultados psicológicos infra-humanos e bestiais.

Os crimes da imprensa sangrenta, os assassinatos mais monstruosos da história, os delitos mais insuspeitados, etc... devem-se às ondas vibratórias de Lilith.

A dupla influencia lunar, representada no ser humano mediante o Ego que carrega em seu interior, faz de nós um verdadeiro fracasso.

Se não vemos a urgência de entregar a totalidade de nossa existência ao trabalho sobre nós mesmos, com o propósito de nos liberar da dupla força lunar, terminaremos tragados pela Lua, involuindo, degenerando cada vez mais e mais dentro de certos estados que bem poderíamos qualificar de inconscientes e infraconscientes.

O grave de tudo isso é que não possuímos a verdadeira individualidade; se tivéssemos um centro de gravidade permanente, trabalharíamos de verdade e seriamente, até obter o estado solar.

Há tantas desculpas nestas questões, há tantas evasivas, existem tantas atrações fascinantes, que de fato costuma ser quase impossível compreender, por tal motivo, a urgência do trabalho esotérico.

Entretanto, a pequena margem que temos de livre-arbítrio e o ensinamento gnóstico orientado para o trabalho prático, poderiam nos servir de base para nossos nobres propósitos relacionados com o experimento solar.

A mente volúvel não entende o que estamos dizendo, lê esse capítulo e posteriormente o esquece. Depois, vem outro livro e outro, e finalmente, acabamos filiando-nos a qualquer instituição que nos venda passaporte para o céu, que nos fale de forma mais otimista, que nos assegure comodidades no além.

Assim são as pessoas, meros marionetes controladas por fios invisíveis, bonecos mecânicos com idéias volúveis e sem continuidade de propósitos.

Capítulo 31

O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO

É urgente estudar a Gnosis e utilizar as idéias práticas que damos nesta obra para trabalhar seriamente sobre si mesmos.

Entretanto, não poderíamos trabalhar sobre nós mesmos, com a intenção de dissolver tal ou qual “Eu”, sem tê-lo observado previamente.

A observação de si permite que penetre um raio de luz em nosso interior.

Qualquer “Eu” expressa-se na cabeça de um modo, no coração de outro modo e no sexo de outro modo.

Precisamos observar o “Eu” que num momento o detectemos, urge vê-lo em cada um dos três centros de nosso organismo.

No relacionamento com outras pessoas, se estamos em alerta e vigilantes como o vigia em época de guerra, nos auto-descobrimos.

Você se lembra a que hora feriram sua vaidade? Seu orgulho? O que foi que mais lhe contrariou no dia? Por que teve essa contrariedade? Qual a causa secreta? Estude isto, observe sua cabeça, coração e sexo.

A vida prática é uma escola maravilhosa; na interação com as pessoas, podemos descobrir esses “Eus” que carregamos em nosso interior.

Qualquer contrariedade, qualquer incidente, pode conduzir-nos, através da Auto-observação íntima, ao descobrimento de um “Eu”, seja do amor-próprio, inveja, ciúmes, ira, cobiça, suspeita, calúnia, luxúria, etc...

Necessitamos conhecer-nos a nós mesmos, para depois podermos conhecer os outros. É urgente aprendermos a ver o ponto de vista alheio.

Se nos colocamos no lugar dos demais, descobrimos que os defeitos psicológicos que atribuímos aos outros, temo-los de sobra em nosso interior.

Amar ao próximo é indispensável, mas alguém não poderia amar aos outros, se antes não aprendesse a ficar na posição da outra pessoa no trabalho esotérico.

A crueldade continuará existindo sobre a face da terra enquanto não tenhamos aprendido a nos pôr no lugar dos outros.

Mas, se a pessoa não tem o valor de ver-se a si mesma, como poderia colocar-se no lugar de outros?

Por que temos que ver exclusivamente a parte má das outras pessoas?

A antipatia mecânica para com uma pessoa que acabamos de conhecer, indica que não sabemos colocar-nos no lugar do próximo, que não amamos ao próximo, que temos a consciência adormecida.

Nos é antipática determinada pessoa? Por que motivo? Talvez beba? Observemo-nos, estamos certos de nossa virtude? Estamos certos de não carregarmos em nosso interior o “Eu” da embriaguez?

Melhor seria, se ao vermos um bêbado fazendo palhaçadas disséssemos: *“Este sou eu, que palhaçadas estou fazendo...”*.

Você é uma mulher honesta e virtuosa e por isso não lhe agrada certa dama; sente antipatia por ela. Por que? Sente-se muito segura de si mesma? Você acredita que em seu interior não está escrito o “Eu” da luxúria? Pensa que aquela dama desacreditada por seus escândalos e lascívia é perversa? Você está certa de que em seu interior não existe a lascívia e a perversidade que vê naquela mulher?

Melhor seria que se auto-observasse intimamente, e que em profunda meditação ocupasse o lugar daquela mulher que te aborrece.

É urgente valorizar o trabalho esotérico Gnóstico, é indispensável compreendê-lo e apreciá-lo, se é que em realidade anelamos uma mudança radical.

Torna-se indispensável saber amar aos nossos semelhantes, estudar a Gnosis e levar este ensinamento a todas as pessoas, do contrário, cairemos no egoísmo.

Se alguém dedicar-se ao trabalho esotérico sobre si mesmo, mas não dá o ensinamento aos outros, seu progresso íntimo se torna muito difícil, por falta de amor ao próximo.

“Aquele que dá, recebe, e quanto mais der, mais receberá; mas, ao que nada dá, até o que tem lhe será tirado”. Essa é a lei.

Capítulo 32

A ORAÇÃO NO TRABALHO

Observação, julgamento e execução são os três fatores básicos da dissolução. Primeiro: se observa. Segundo: se julga. Terceiro: se executa.

Os espões na guerra, primeiro são observados; segundo julgados e terceiro fuzilados.

Na interação com as pessoas existe auto-descobrimento e auto-revelação. Quem renuncia ao convívio com seus semelhantes, renúncia também ao auto-descobrimento.

Qualquer incidente da vida, por insignificante que pareça, indubitavelmente é causado por um ator íntimo em nós, um agregado psíquico, um “Eu”.

O auto-descobrimento é possível quando nos encontramos em estado de alerta percepção, alerta novidade.

“Eu” descoberto em flagrante, deve ser observado cuidadosamente em nosso cérebro, coração e sexo.

Um “Eu” qualquer de luxúria poderia manifestar-se no coração como amor, no cérebro como um ideal, mas ao pôr atenção no sexo, sentiríamos certa excitação morbosa inconfundível.

O julgamento de qualquer “Eu” deve ser definitivo. Precisamos pô-lo no banco dos réus e julgá-lo sem piedade.

Qualquer evasiva, justificativa, consideração, deve ser eliminada, se é que na verdade queremos nos fazer conscientes do “Eu” que anelamos extirpar de nossa psique.

Execução é diferente; não seria possível executar a um “Eu” qualquer, sem tê-lo previamente observado e julgado.

Oração no trabalho psicológico é fundamental, para a dissolução. Necessitamos de um poder superior à mente, se é que em realidade anelamos desintegrar tal ou qual “Eu”.

A mente por si só nunca poderia desintegrar nenhum “Eu”, isto é irrefutável, irrefutável.

Orar é conversar com Deus. Devemos apelar a Deus Mãe em nossa intimidade, se é que na verdade queremos desintegrar “Eus”. Quem não ama a sua Mãe, o filho ingrato fracassará no trabalho sobre si mesmo.

Cada um de nós tem sua Mãe Divina particular, individual, ela em si mesma é uma parte de nosso próprio Ser, porém derivado.

Todos os povos antigos adoraram a “Deus Mãe” no mais profundo do Ser. O princípio feminino do Eterno é Ísis, Maria, Tonantzin, Cibele, Réa, Adonia, Insobera, etc...

Se, no meramente físico temos um pai e uma mãe, no mais profundo de nosso Ser temos também nosso Pai que está em segredo e a nossa Divina Mãe Kundalini.

Há tantos Pais no céu quantos homens na terra. Deus Mãe, em nossa própria intimidade, é o aspecto feminino de nosso Pai que está em segredo.

Ele e Ela são certamente as duas partes superiores de nosso Ser Íntimo. Indubitavelmente, Ele e Ela são nosso próprio Ser Real mais além do “Eu” da psicologia.

Ele se desdobra Nela e manda, dirige, instrui. Ela elimina os elementos indesejáveis que em nosso interior levamos, sob a condição de um trabalho contínuo sobre si mesmo.

Quando tivermos morrido radicalmente, quando todos os elementos indesejáveis tiverem sido eliminados, depois de muitos trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, fusionaremos-nos e nos integraremos com o “Pai-Mãe”, então seremos Deuses terrivelmente Divinos, mais além do bem e do mal.

Nossa Mãe Divina particular, individual, mediante seus poderes flamígeros, pode reduzir a poeira cósmica qualquer desses tantos “Eus” que tenham sido previamente observados e julgados.

Não é necessário uma fórmula específica para rezar a nossa mãe Divina interior. Devemos ser naturais e simples ao nos dirigirmos a Ela. O menino que se dirige a sua mãe nunca tem fórmulas especiais, diz o que sai de seu coração e isso é tudo.

Nenhum “Eu” se dissolve instantaneamente; nossa Divina Mãe deve trabalhar e até sofrer muitíssimo, antes de obter a aniquilação de qualquer “Eu”.

Tornai-vos introvertidos, dirigi vossas preces para dentro, buscando dentro de vosso interior a vossa Divina Senhora e com súplicas sinceras, podeis falar-lhes. Rogai-lhes para que desintegre aquele “Eu” que haveis previamente observado e julgado.

O sentido da Auto-observação íntima, conforme vai desenvolvendo-se, permitirá verificar o avanço progressivo de vosso trabalho.

Compreensão, discernimento, são fundamentais; porém, necessita-se de algo mais, se é que em realidade queremos desintegrar o “Mim Mesmo”.

A mente pode dar-se ao luxo de rotular qualquer defeito, passá-lo de um departamento a outro, exibi-lo, escondê-lo, etc., mas nunca poderia alterá-lo fundamentalmente.

Necessita-se de um “poder especial” superior a mente, de um poder flamígero capaz de reduzir a cinzas qualquer defeito.

Stella Maris, nossa Divina Mãe, tem esse poder, pode pulverizar qualquer defeito psicológico.

Nossa Mãe Divina vive em nossa intimidade, mais além do corpo, dos afetos e da mente. Ela é por si só, um poder ígneo superior a mente.

Nossa Mãe Cósmica particular, individual, possui Sabedoria, Amor e Poder. Nela existe absoluta perfeição.

As boas intenções e a repetição constante das mesmas, de nada servem, a nada conduzem.

De nada serviria repetir: “*Não serei luxurioso*”; porque os “Eus” da lascívia de todas as maneiras, continuarão existindo no fundo de nossa psique.

De nada serviria repetir diariamente: “*Não terei mais ira*”. Os “Eus” da ira continuariam existindo em nosso país psicológico.

De nada serviria dizer diariamente: “*Não serei mais cobiçoso*”. Os “Eus” da cobiça continuariam existindo nos diversos transfundos de nossa psique.

De nada serviria nos afastarmos do mundo e nos encerrarmos em um convento ou vivermos em alguma caverna; os “Eus” continuariam existindo dentro de nós.

Alguns anacoretas cavernários, a base de rigorosas disciplinas, chegaram ao êxtase dos Santos e foram levados aos céus, onde viram e ouviram coisas que aos seres humanos não lhes é dado compreender; entretanto os “Eus” continuaram existindo em seu interior.

Inquestionavelmente, a Essência pode escapar do “Eu” a base de rigorosas disciplinas e gozar do êxtase; porém, depois da felicidade, retorna ao interior do “Mim Mesmo”.

Aqueles que se acostumaram ao êxtase, sem haver dissolvido o “Ego”, acreditam que já alcançaram a liberação, se auto-enganam crendo-se Mestres e até ingressam na Involução submersa.

Jamais nos pronunciaremos contra o arrebatamento místico, contra o êxtase e a felicidade da Alma na ausência do Ego.

Só queremos colocar ênfase na necessidade de dissolver “Eus” para obter a Liberação Final.

A Essência de qualquer anacoreta disciplinado, acostumado a escapar do “Eu”, repete tal façanha depois da morte do corpo físico. Goza por um tempo do êxtase e logo retorna como o Gênio da lâmpada de Aladim, ao interior da garrafa, ao Ego, ao Mim Mesmo.

Então, não lhes resta outro remédio senão retornar a um novo corpo físico, com o propósito de repetir sua vida sobre o tapete da existência.

Muitos místicos que desencarnaram nas cavernas dos Himalaias, no Ásia Central, agora são pessoas vulgares, comuns e correntes neste mundo, apesar de que seus seguidores ainda lhes adorem e venerem.

Qualquer intenção de liberação, por grandiosa que seja, se não leva em consideração a necessidade de dissolver o Ego, está condenado ao fracasso.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
Capítulo 1 - O NÍVEL DE SER	14
Capítulo 2 - A ESCADA MARAVILHOSA	17
Capítulo 3 - REBELDIA PSICOLÓGICA	19
Capítulo 4 - A ESSÊNCIA.....	21
Capítulo 5 - ACUSAR-SE A SI MESMO.....	23
Capítulo 6 - A VIDA.....	25
Capítulo 7 - O ESTADO INTERIOR.....	27
Capítulo 8 - ESTADOS EQUIVOCADOS	29
Capítulo 9 - ACONTECIMENTOS PESSOAIS	31
Capítulo 10 - OS DIFERENTES EUS	33
Capítulo 11 - O QUERIDO EGO	35
Capítulo 12 - A MUDANÇA RADICAL	37
Capítulo 13 - OBSERVADOR E OBSERVADO	40
Capítulo 14 - PENSAMENTOS NEGATIVOS.....	42
Capítulo 15 - A INDIVIDUALIDADE.....	45
Capítulo 16 - O LIVRO DA VIDA	49

Capítulo 17 - CRIATURAS MECÂNICAS	51
Capítulo 18 - O PÃO SUPER-SUBSTANCIAL	53
Capítulo 19 - O BOM DONO DE CASA	55
Capítulo 20 - OS DOIS MUNDOS	57
Capítulo 21 - OBSERVAÇÃO DE SI MESMO.....	60
Capítulo 22 - A CONVERSA	62
Capítulo 23 - O MUNDO DAS RELAÇÕES	64
Capítulo 24 - A CANÇÃO PSICOLÓGICA.....	66
Capítulo 25 - RETORNO E RECORRÊNCIA	70
Capítulo 26 - AUTO-CONSCIENCIA INFANTIL	73
Capítulo 27 - O PUBLICANO E O FARISEU	75
Capítulo 28 - A VONTADE	79
Capítulo 29 - A DECAPITAÇÃO	83
Capítulo 30 - O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE	90
Capítulo 31 - O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO.....	96
Capítulo 32 - A ORAÇÃO NO TRABALHO	98